

MESTRADO EM HISTÓRIA, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E COOPERAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS POLÍTICOS

Caminhos da Radicalização: de identidades recortadas à prática do terrorismo

Jéssica Fernandes Leão

M

2021



Jéssica Fernandes Leão

Caminhos da Radicalização: de identidades recortadas à prática do terrorismo

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História, Relações Internacionais e
Cooperação, orientada pelo Professor Doutor José Virgílio Borges Pereira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Jéssica Fernandes Leão

Caminhos da Radicalização: de identidades recortadas à prática do terrorismo

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História, Relações Internacionais e
Cooperação, orientada pelo Professor Doutor José Virgílio Borges Pereira

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Para meus avôs: José e Agostinho

Sumário

Declaração de honra	3
Agradecimentos	4
Resumo.....	5
Abstract	6
Introdução.....	7
1. Conceitos e definições	13
1.1. Contexto sócio-cultural	19
1.2. Segregação social- falta de oportunidades	21
1.3. O campo da rua.....	24
1.4. A progressão da cultura de rua para o terrorismo	27
2. A ausência de identidade como um fator predominante na radicalização	32
2.1. A Social Identity Theory e a percepção de terrorismo pela mídia e pela audiência.....	39
2.2. Movimentos Sociais, Grupos Terroristas e o Confronto Político.....	45
2.3. Movimentos Sociais e grupos Terroristas	46
3. Jihadi John	59
3.1. O homem por trás da máscara: Mohammed Emwazi	60
3.2. O caminho da radicalização	62
3.2.1. O Lei Anti-terrorismo de 2006	62
3.2.2. Mohammed Emwazi – Em constante vigilância	64
3.2.2.1. A viagem frustrada à Tanzânia.....	65
3.2.2.2. Mudança para o Kuwait	68
3.2.2.3. Inglaterra – sem saída	69
3.3. Em busca de uma saída.....	73
3.4. Conclusão da análise	76
Conclusão	79
Referências Bibliográficas	84

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 2021

Jéssica Fernandes Leão

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer a meus pais Dina e Rubens, meu irmão Rubens e meu tio Dino, que acreditaram em mim durante toda a duração do mestrado e me deram forças quando os momentos difíceis surgiram, mesmo quando não foi possível estar próximo fisicamente. Agradeço também a meus amigos, que tanto em Belém quanto em Portugal nunca deixaram de me apoiar, me animar e me dar forças quando foi necessário. Agradeço ao meu orientador, Professor Virgílio Borges, por ter confiado no meu trabalho e por ter me guiado com paciência e compreensão diante estes dois anos de orientação. Agradeço à minha amiga Beatriz Pereira, por ter segurado a minha mão e ter me ajudado quando eu pensei em desistir. E principalmente, agradeço meu namorado Andrey por ser meu porto seguro, e nunca ter duvidado da minha capacidade para escrever este trabalho, mesmo quando eu mesma duvidei.

A todos os meus mais sinceros agradecimentos. Sem cada um de vocês este trabalho não estaria completo.

Resumo

Com o passar dos anos, o mundo viu um aumento significativo no número de atentados terroristas perpetrados nos mais diversos lugares, e muitas vezes, sem quaisquer conexões entre eles. O número de indivíduos apoiadores de movimentos terroristas ou membros de grupos terroristas aumentou drasticamente, fazendo com que cada vez mais nos indagássemos a respeito dos motivos para tais pessoas se radicalizarem. Pessoas de diferentes gêneros, raças, credos, se uniram em prol de um movimento que na sua essência, não se importa com a vida humana que serão perdidas com seus atos. Diante deste contexto, este trabalho tem por objetivo analisar as razões suscitadas pela doutrina como principais motivadores para indivíduos se radicalizarem, levando em conta, principalmente a questão social e identitária, utilizando teorias da área da Sociologia como a Teoria dos Movimentos Sociais e do Confronto Político, e da Psicologia como a Social Identity Theory para realizar o estudo. Também pretende-se analisar, através de um estudo de caso, se estes motivos são os únicos para que a radicalização ocorra, e como situações cotidianas acabam por fazer com que um indivíduo veja na radicalização, a sua única opção.

Palavras-chave: Radicalização; Terrorismo; *Jihadismo*; Confronto Político; Social Identity Theory

Abstract

Through the years, the world had a significant increase in the number of terrorist attacks perpetrated in diverse places, and many times without any connection between them. The number of terrorist movement supporters or terrorist group members also increased drastically, making us wonder even more about the reasons for such people to radicalize. People from different gender, race and religion united in favor of a movement that in its essence, does not care about the human lives that will be lost in consequence of their actions. Given this context, this work aims to analyze the reasons raised by the doctrine as the main motivators for individuals to radicalize, taking into account mostly social and identity issues using sociology and psychology theories such as Social Movements Theory, Contentious Politics and Social Identity Theory to carry out this study. It is also intended to analyze, through a case study, if such reasons are the only ones needed for the radicalization process to occur and how everyday situations end up making an individual see radicalization as their only option..

Key-words: Radicalization; Terrorism; Jihadism; Contentious Politics; Social Identity Theory

Introdução

O terrorismo está presente na vida de todos nós, seja por termos vivenciado ou por termos ficado chocados com algum tipo de atentado ou ameaça que foi noticiado pela mídia. Todos os anos, esses tipos de ataques vitimizam milhares de pessoas ao redor do mundo. Com o crescente número de ataques e métodos utilizados pelos terroristas, este tópico parece se manter presente na sociedade.

Com a constante ameaça sempre presente, uma verdadeira guerra contra o terror foi iniciada por diversos países ao redor do globo. Com o intuito de, principalmente, salvar vidas, novos estudos surgiram com o objetivo de estudar melhor o fenômeno do terrorismo, possibilitando, assim, uma chance de preveni-los.

O estudo que será apresentado a seguir, apesar de não tratar de terrorismo propriamente dito, tem por principal objetivo estudar uma das nuances do terrorismo, mais precisamente o da radicalização violenta. Temos, portanto, como foco principal buscar compreender quais fatores sociais fazem com que um indivíduo acabe por escolher trilhar o caminho do extremismo violento através do terrorismo.

Esta dissertação busca, assim, demonstrar que não há um padrão a ser seguido no caminho da radicalização. Não se busca, de forma alguma, entregar uma resposta do porquê a radicalização violenta ocorre no mundo. O objetivo é salientar alguns dos motivos que fazem com que as pessoas a vejam como a única opção viável e, por isso, escolhem trilhá-la.

A ideia de promover este estudo surgiu com a divulgação midiática de atentados terroristas, principalmente, o datado em 11 de setembro de 2001, nos EUA, quando dois aviões foram sequestrados e lançados por terroristas contra as duas torres do *World Trade Center* em Nova York e um terceiro avião, que também havia sido sequestrado, foi lançado contra o Pentágono em Washington, D.C. Fazia também parte do plano uma quarta aeronave, presumidamente destinada à Casa Branca ou ao Capitólio, que acabou por ser derrubada pelos próprios passageiros ao retomarem o avião dos radicais. Ao todo, o ataque de 11 de setembro de 2001 vitimou aproximadamente três mil pessoas de diversas nacionalidades.

Outro grande motivador fora o atentado terrorista ocorrido em Christchurch, na Nova Zelândia, em 15 de Março de 2019, quando um homem australiano abriu fogo contra duas mesquitas e tirou a vida de aproximadamente 50 pessoas. O terrorista ainda transmitiu o atentado ao vivo pela internet. Além dos tiroteios, foram encontrados carros-bomba nos arredores da cidade, que foram desarmados.

A diferença entre estes ataques foi o que chamou a atenção e motivou este estudo. O primeiro, promovido por um grupo terrorista, a *al-Qaeda*, tinha por claros objetivos atacar os Estados Unidos ferindo um de seus maiores símbolos, as torres gêmeas do *World Trade Center* e o Pentágono, pela sua política externa e apoio declarado à Israel.

Já em Christchurch, o atentado foi motivado por ideologias de extrema-direita contra um alvo em particular: a população muçulmana que residia na cidade. O terrorista ainda divulgou na internet um manifesto de 74 páginas no qual expunha suas opiniões radicais sobre diversos assuntos, entre eles a obsessão com a imigração e a supremacia branca, acusando, ainda, os imigrantes de estarem causando um “genocídio branco” e uma invasão de tais comunidades em países como Austrália e Nova Zelândia, ameaçando, assim, a “maioria branca” de tais localidades.

A diferença entre a proporção dos ataques citados é clara. Não fora este o motivo principal para ter tais eventos como ponto inicial desta investigação. O que chama atenção nesses ataques é justamente os requintes de crueldade que o ser humano alcança a fim de machucar um semelhante.

Por quais motivos uma pessoa se mostra disposta a praticar tal selvajaria com outro ser humano? O que os terroristas buscam mudar causando estes ataques? Existem estudos que explicam porque as pessoas reagem com extrema violência em busca de um objetivo? Estas e outras perguntas foram responsáveis para que este trabalho surgisse, e serão de extrema importância no seu andamento.

Nesse sentido, ao suscitarmos esses questionamentos, teremos como pergunta de partida as seguintes questões: “*Quais são os fatores que levam um indivíduo à radicalização? Estes fatores são apenas de caráter sócio-econômico?*” Essas questões devem ser tidas em consideração juntamente com os objetivos propostos por este

trabalho, que são: *i)* Explicitar o fenômeno da radicalização e suas principais vertentes sociológicas; *ii)* Estudar os principais motivos que fazem com que uma pessoa se radicalize; *iii)* Entender se o caminho da radicalização violenta é a única solução na luta por direitos; e *iv)* Compreender se há formas de romper com o ciclo da radicalização.

Para tal, esta dissertação foi elaborada e dividida em três capítulos. O primeiro tratará dos conceitos norteadores deste trabalho, nomeadamente os de radical, terrorismo e *jihad*, *jihadismo* e *jihadista*. Apesar de parecer algo comum, a discussão sobre a definição destes conceitos é algo que acaba muitas vezes por prejudicar muitos estudos sobre o tema, visto que não há uma definição absoluta quando tratamos de radical e terrorismo. Nesse capítulo também serão apresentados os fatores sócio-econômicos que tradicionalmente são associados à radicalização violenta e como a marginalização de um indivíduo faz com que este seja mais propenso a ser recrutado por organizações terroristas.

É, no entanto, de suma importância estabelecer desde já que este trabalho tratará, principalmente, da radicalização islâmica, ou seja, daquelas pessoas que acabam se convertendo à religião islâmica e escolhem praticar o *jihad* em sua forma violenta, que difere da essência do que é o *jihad* de acordo com a própria religião, conforme será explicado ao longo do trabalho.

No segundo capítulo, será discutido como é que a ausência de uma identidade constitui um fator importante para que um indivíduo escolha se radicalizar, e como essa ausência de identidade acaba sendo agravada pelas sociedades ocidentais e pela mídia. Neste ponto, buscaremos explicar como a construção social em torno do que a mídia expõe como “ataques terroristas” está diretamente ligada com a Social Identity Theory, teoria da área da psicologia, criada por Henri Tajfel e utilizando os resultados obtidos no estudo de Avdan e Webb (2018) para fundamentar.

Ainda no segundo capítulo, abordaremos como a ausência de identidade acaba levando a pessoa a dois caminhos: o primeiro, do terrorismo; e o segundo, dos movimentos sociais, e ambos praticam Confrontos Políticos. Sobre isso, analisaremos o conceito de Confronto Político e Movimentos Sociais, utilizando como base os autores Charles Tilly e Sidney Tarrow.

A abordagem interdisciplinar é imprescindível, visto que a radicalização é melhor compreendida quando analisada conjuntamente com os outros campos de estudo que a abordam, como a Psicologia, os Estudos Críticos do Terrorismo, as Relações Internacionais, além da Sociologia, que é a base deste estudo.

Por fim, no terceiro capítulo, realizaremos um estudo de caso. Analisaremos os *emails* e matérias jornalísticas e bibliográficas disponíveis sobre o terrorista conhecido pelo apelido de *Jihadi John*, responsável por diversos assassinatos em nome do grupo terrorista Estado Islâmico, que ganhou notoriedade em 2014. Este capítulo terá por objetivo, trazer à tona os principais acontecimentos na vida do britânico Mohammed Emwazi e como que as políticas da Inglaterra acabaram por ser um fator determinante na sua radicalização.

O método utilizado na elaboração desta dissertação é o dedutivo, sendo este um trabalho de revisão bibliográfica baseada na literatura relevante sobre o tema em diversas áreas de estudo, utilizando também a pesquisa documental, entre elas, a pesquisa por meio de fontes jornalísticas, que se mostrará relevante para a análise de aspectos que serão suscitados ao longo dos capítulos 2 e 3. Apesar de não ser exclusivo, buscou-se focar nos acontecimentos retratados dentro do espaço Europeu, tanto como forma de exemplificar alguma situação, como também retratar alguma situação aqui vivida. Por se tratar de uma sociedade cosmopolita, a Europa se mostrou um campo de estudo perfeito para abordar o tema.

Foram utilizadas, de forma majoritária, fontes primárias na confecção deste estudo, no entanto, fontes secundárias também foram importantes, principalmente pela natureza e pelo tema deste trabalho, que trata sobre radicalização e terrorismo, assuntos estes que são difíceis de obter relatos e entrevistas, considerando que a maioria daqueles indivíduos ex-combatentes, que estão em países ocidentais, encontram-se ou no sistema prisional ou tem a sua identidade ocultada pelos serviços de segurança para a segurança do próprio indivíduo. Por esta razão, optou-se pela utilização de fontes secundárias para preservar a essência do estudo.

O estudo da radicalização é extremamente relevante para a sociedade global. Por ser um movimento que atinge as mais diversas sociedades, sem razões claras para

ocorrer, buscar motivos ajuda a encontrar respostas sobre como, de fato, podemos evitá-los.

Desta forma, não se trata de um estudo compreensivo, mas sim da revisão bibliográfica e de um estudo de caso, a fim de verificar e salientar as nuances que o processo de radicalização comporta. A escolha da técnica do estudo de caso deveu-se às limitações que foram verificadas ao longo da elaboração deste trabalho, inclusive, em razão da pandemia de COVID-19, que fez com que o acesso às obras físicas e aos locais de pesquisa fosse limitado.

Ao realçarmos os motivos, esperamos contribuir simultaneamente para o árduo caminho que é encontrar soluções. Dessa forma, o presente estudo acaba se tornando relevante para as áreas que aborda, nomeadamente a Sociologia, Estudos Políticos, Criminologia e Psicologia.

Considera-se que este trabalho acadêmico poderá ser útil para compreender melhor um fenômeno que tem se dissipado cada vez mais ao redor do mundo. Há cada vez mais casos de atentados terroristas ocorrendo em países que não possuem relações conturbadas com países árabes, como por exemplo, a Nova Zelândia. A urgência em realizar este estudo está justamente no aumento do número de eventos causados por pessoas sem associação a grupos terroristas, mas que acabaram por inspirar-se em seus ideais e por adotar e aplicar os seus ensinamentos.

Há também os casos nos quais o indivíduo acaba por rejeitar totalmente a coexistência com pessoas de nacionalidades árabes e acabam tomando atitudes violentas com o intuito de se “proteger” ou de “proteger a comunidade” contra essas pessoas, em um claro caso de xenofobia e islamofobia. Apesar das alegações, cada ato violento contra uma comunidade com base em pré-conceitos formados por uma imagem taxativa amplamente disseminada pela mídia também é um caso de terrorismo.

Hoje, não vemos apenas terroristas árabes. Os radicais violentos estão inseridos dentro das comunidades ocidentais e orientais como um todo. Há, em toda sociedade, aqueles que perseguem ideias e práticas violentas ao invés da aceitação e da convivência pacífica.

O terrorismo é utilizado como meio para alcançar um objetivo, seja ele político ou não. Por esta razão, este estudo se mostra necessário, mesmo que seja para contribuir humildemente com a discussão em busca de uma convivência pacífica em sociedade.

1 Conceitos e Definições

Para que possamos dar início ao estudo, ou seja, investigar se os fatores sociais são de fato o real motivo para que as pessoas escolham trilhar o caminho da radicalização terrorista, devemos, primeiramente, explicar cada um destes conceitos, para que possamos, ao final, ter uma clara visão do fenômeno da radicalização em si.

No entanto, é preciso ter atenção a um dos problemas trazidos pelo estudo do tema, que é a falta de unanimidade em uma definição por parte dos campos que estudam o processo de radicalização como o terrorismo, seja a sociologia, a criminologia, os estudos políticos ou até mesmo os Estudos Críticos de Terrorismo, entre outros. Por essa razão, diversos conceitos e interpretações acabam sendo criados e não interligados entre as várias áreas em que os temas se enquadram.

Na ciência, a definição atua basicamente como uma equação, na qual temos presente uma incógnita, isso é, um termo ou novo e desconhecido ou mal entendido, que é descrito por uma combinação de pelo menos dois ou mais termos conhecidos. Ou seja, definição nada mais é do que a conceituação de um termo, utilizando outros termos que sejam mais comuns e de uma compreensão mais fácil (A. P. Schmid, 2013). Por este motivo, é de suma importância ter um conceito bem definido ao longo de uma pesquisa ou investigação.

Concepts are not just words: they characterize and determine our thinking. We also influence the public opinion when we express our thoughts, and the crosstalks and prejudices - attached to the concept - influence the content of what we want to convey (MARKOVICS, 2021, p. 151).

A divisa criada entre os campos de estudo acaba prejudicando e delimitando o diálogo (Jensen & Larsen, 2021). Assim, o que deveria ser compartilhado acabou se tornando restrito e focado para apenas uma abordagem. Por tais motivos, um consenso sobre suas definições não é possível.

O problema acerca da definição de radicalização foi citado por Veldhuis & Staun, (2009b, p. 4):

Although radicalisation has increasingly been subjected to scientific studies, a universally accepted definition of the concept is still to be developed. Nevertheless, faced with pressure to tackle radicalisation, policy makers have developed a few definitions. Definitions of radicalisation most often centre around two different foci: 1) on violent radicalisation, where emphasis is put on the active pursuit or acceptance of the use of violence to attain the stated goal; 2) on a broader sense of radicalisation, where emphasis is placed on the active pursuit or acceptance of far-reaching changes in society, which may or may not constitute a danger to democracy and may or may not involve the threat of or use of violence to attain the stated goals.

A Comissão Europeia definiu, em 2006, radicalização como “O fenômeno de pessoas aceitando opiniões, visões e ideias que podem levar à prática de atos terroristas.” (A. Schmid, 2013). Críticas a esta definição foram feitas por Veldhuis e Staun (2009a), pelo fato dela ser vaga e dar margem para ampla interpretação, não definindo fatores basilares como as condições sociais para que ocorra este processo, por exemplo.

As definições de radicalização variam também entre os serviços de inteligência de diferentes países ao redor do mundo. O conceito definido pelo Serviço Geral de Inteligência e Segurança dos Países Baixos (AIVD), por exemplo, dispõe:

In general, definitions of radicalisation agree that radicalisation comprises a gradual process that, although it can occur very rapidly, has no specifically defined beginning or end state. Rather it is an individual development that is initiated by a combination of factors and comprises a drastic change in attitudes and behaviour. Moreover, although the threshold between radicalisation and terrorism is sometimes vague, it is important to stress that these concepts are thoroughly distinct from each other.

Por sua vez, o Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos da América (DHI) define o processo de radicalização como “The process of adopting an extremist belief system, including the willingness to use, support, or facilitate violence, as a method to effect social change” (Department of Homeland Security Science and Technology Directorate, 2006, pp. 2- 12).

O Serviço de Segurança Sueco (Sapo), dispõe que *“Radicalisation can be both: a process that leads ideological or religious activism to introduce radical change to society and a process that leads to an individual or group using, promoting or advocating violence for political aims”*.

Pela inexistência de um consenso entre as definições de radicalização e pela dificuldade em realizar a pesquisa sem um conceito norteador, foi necessário definir um conceito para ser utilizado neste trabalho acadêmico, sendo este conceito aquele que nos é apresentado por Dalgaard-Nielsen (2010), o qual diz que um radical é aquele que é compreendido como uma pessoa que possui profundos desejos de mudanças sócio-políticas fundamentais, assim como radicalização é o crescimento da prontidão para buscar e apoiar mudanças de longo alcance na sociedade que entram em conflito ou se mostram como uma ameaça direta à ordem existente.

Ressaltamos que a análise deste trabalho gira em torno da vertente da radicalização violenta voltada ao terrorismo, o qual é definido por Dalgaard-Nielsen (2010) como um processo pelo qual ideias radicais são acompanhadas pelo desenvolvimento de vontade de apoiar diretamente ou praticar atos violentos. Também entendemos a linha seguida por Jensen & Larsen (2021, p. 5) a qual dispõe que a radicalização é uma atividade comportamental, pelas razões que serão explicadas ao longo deste trabalho.

A ausência de uma definição universalmente aceita e a influência dos diferentes campos de estudos e de pesquisa também é algo que visualizamos ao tentar definir o que é terrorismo, uma vez que, em sua grande maioria, as definições encontradas são amplas e acabam muitas vezes, sendo genéricas (Matusitz, J., 2013. p. 7). Tantas são as possibilidades de definir o conceito de terrorismo que Schmid foi capaz de reunir mais de 250 definições de terrorismo em sua obra (A. P. Schmid, 2013, p. 39).

Apesar da existência da pluralidade de definições, alguns elementos parecem comuns à maioria das definições, como, por exemplo:

Some key elements of many definitions also refer to the fact that terrorism is usually an instrument for the attempted realization of a political or religious project that perpetrators lacking mass

support are seeking, that it generally involves a series of punctuated acts of demonstrative public violence, followed by threats of more in order to impress, intimidate and/or coerce target audiences(A. P. Schmid, 2013, p. 39).

Recentemente, o termo “terrorismo” também tem sido amplamente utilizado na política como forma de atingir e atacar a imagem de um opositor político. Além de ser usado como uma forma de rotular certas ações como violência política, o termo acaba por ganhar novos significados de acordo com aquele que o utiliza, visando a tirar proveito desse. O mesmo acontece com termos como “fascista”, “comunista”, “imperialista”, entre outros.

No mais, terrorismo não passa de um conceito sem essência intrínseca, ou seja, é uma construção feita pelo homem e tende a refletir os interesses daqueles que o define. Vejamos algumas definições:

O Conselho de Segurança das Nações Unidas (2004, p. 3), define terrorismo como:

“(...) criminal acts, including against civilians, committed with the intent to cause death or serious bodily injury, or taking of hostages, with the purpose to provoke a state of terror in the general public or in a group of persons or particular persons, intimidate a population or compel a government or an international organization to do or to abstain from doing any act, which constitute offences within the scope of and as defined in the international conventions and protocols relating to terrorism, are under no circumstances justifiable by considerations of a political, philosophical, ideological, racial, ethnic, religious or other similar nature (...)”

Dentre os conceitos mais abrangentes, destacamos aquele defendido por Matusitz (2013, p. 7), que dispõe que terrorismo:

“(...) is the use of violence to create fear (i.e., terror, psychic fear) for (1) political, (2) religious, or (3) ideological reasons (ideologies are systems of belief derived from worldview that frame human social and political conditions). The terror is intentionally aimed at non-combatant targets (i.e., civilians or

iconic symbols), and the objective is to achieve the greatest attainable publicity for a group, cause, or individual.”

Existem também aqueles doutrinadores que entendem o terrorismo por meio de uma vertente política:

“Political terrorism is the use, or threat of use, of violence by an individual or a group, whether acting for or in opposition to established authority, when such action is designed to create extreme anxiety and/or fear inducing effects in a target group larger than the immediate victims with the purpose of coercing that group into acceding to the political demands of the perpetrators.”(Krishnamurthy, 1984, p. 16)

Conforme visto e amplamente discutido, não há, de fato, uma definição perfeita que traduza o que de fato o terrorismo é. Por esta razão, e para fins de melhor compreensão deste trabalho acadêmico, a definição norteadora desse conceito será aquela que nos é apresentada por Schmid, que define terrorismo como:

“Terrorism is an anxiety-inspiring method of repeated violent action, employed by (semi) clandestine individual, group or state actors, for idiosyncratic, criminal or political reasons, whereby—in contrast to assassination—the direct targets of violence are not the main targets. (...) Threat- and violence-based communication processes between terrorist (organization), (imperilled) victims, and main targets are used to manipulate the main target (audience(s)), turning it into a target of terror, a target of demands, or a target of attention, depending on whether intimidation, coercion, or propaganda is primarily sought”.(A. P. Schmid & Jongman, 2005, p. 5-6)

Além dos conceitos já discutidos, é importante entendermos o significado de *jihad*, *jihadismo* e *jihadi*. Ao contrário do que é difundido pela mídia, o termo "*jihad*" em sua tradução literal da língua árabe, não possui qualquer relação com o terrorismo. Pelo contrário, é um conceito essencial da religião islâmica que significa o esforço ou luta, representando, assim, o empenho de uma pessoa contra um pecado ou contra algo que ameaça desvirtuá-los das práticas e ensinamentos do Islã (Sedgwick, 2015, p. 34).

Atualmente, o conceito mais conhecido e propagado de *jihad* está diretamente ligado à radicalização violenta de muçulmanos que trilham o caminho do terrorismo. Neste sentido, *jihad* significa a luta contra os inimigos do islã, uma guerra santa (Markovics, 2011) propriamente dita em nome da *umma*¹.

Jihad não significa o mesmo que *jihadismo*, *jihadista* ou *jihadi*. Apesar de semelhantes, os termos possuem definições diferentes entre si e simbolizam situações diferentes. Enquanto que o *jihad* representa o esforço de um indivíduo para praticar o Islã, *jihadismo* é um conceito pertencente à radicalização violenta; é uma combinação entre o extremismo ideológico e o uso direto de violência para promover o uso radical da religião islâmica.

De acordo com Khosrokhavar (2021), o *jihadismo* se baseia em uma ideologia que classifica o diálogo como uma perversão e a tolerância como uma heresia. Deste modo, a única forma legítima de resolver os problemas relacionados ao islã em um mundo dominado por ateístas do oeste é através da prática do *jihad violento*. Da mesma forma, dispõe Firestone (2013):

Jihadism is therefore not merely a negative response to globalism. It is also a product of globalism and has been enabled by it. To be more precise, Jihadism is itself a global movement with a certain phenomenological commonality with such global movements as environmentalism or, ironically, the anti-globalization movement. Jihadism is in part a reaction to the Western content and culture of globalism and strives to replace globalism's Western content with a particular expression of what Jihadis define as true Islam.

Por sua vez, *jihadista* ou *jihadi*, possuem significados semelhantes. Ambos tem por objetivo descrever indivíduos que apoiam ou praticam o *jihad* no sentido violento (Sedgwick, 2015).

Desta forma, tendo definido os conceitos norteadores, explanadas as razões por acolhê-los e o motivo de tal escolha ser necessária, considerando o enquadramento

¹ ummah simboliza a comunidade muçulmana global, a qual os jihadistas alegam representar ao escolher traçar o caminho do jihad

desta tese em um campo de estudo altamente diversificado em que o conhecimento é fragmento entre os estudiosos, passamos para a análise do tema em si.

1.1 Contexto sociocultural

Ao tratarmos de radicalização, estudos comprovam que é de suma importância conhecer os fatos e o contexto sociocultural em que o indivíduo viveu para podermos entender os motivos de sua radicalização. Estudos clássicos da sociologia, em especial a vertente francesa, apontam os fatores sociais como sendo grandes impulsionadores da radicalização violenta. Por esta razão, este será o primeiro tópico de análise (Dalgaard-Nielsen, 2010).

De acordo com os resultados obtidos nestes estudos, verificamos que a radicalização não é um fenômeno espontâneo, mas que surge e se desenvolve através das experiências vividas na sociedade na qual se está inserido. Segundo Jensen & Larsen, 2021, p. 430):

We argue that understanding the social context, including class, ethnic and social power structures, as closely interrelated to individual experiences, thoughts and actions on the micro level is imperative in understanding Islamist radicalization processes.

Apesar da crença comum de que a radicalização está diretamente ligada à religião Islâmica, a doutrina nos ensina que a radicalização surge de um contexto social de marginalização pela sociedade. Nesse sentido:

This othering can be understood as intersectional insofar as while Muslim minorities in the West are often subject to Islamophobia and racism, their marginalization or othering is also related to age, class and gender because young lower-class male Muslims are perceived as particularly problematic. (...) Hence, the interplay between class, ethnicity and gender produces a specific form of social marginality (Larsen & Jensen, 2019, p. 425).

Estudos empíricos comprovam que a marginalização social, em especial o preconceito e a rejeição para com o Islamismo, sofridos diariamente, acabam agindo como relevantes motivos para que a radicalização violenta ocorra (Larsen & Jensen, 2019, p. 432).

A marginalização, por sua vez, apesar de nem sempre gerar o resultado da radicalização, acaba por introduzir e apresentar um “caminho” pelo qual aquele indivíduo segregado da sociedade possa vir a percorrer e, assim, acabar chegando ao mundo do crime e da violência:

Alienação, exclusão, tamanho da família, pobreza, educação interrompida, fugas de casa ou casas de cuidados, avançar dos crimes para a prisão, problemas com o sistema educacional. Todos esses fatores foram identificados como 'predizeres' de comportamento criminoso (Walklate & Mythen, 2016, p. 336).

Segundo o relatório elaborado pela organização *Mercy Corps*, a juventude é levada à violência política (e eventual radicalização) não pela pobreza, mas pela realidade marginalizada a qual se encontrava:

Drawing on interviews and surveys with youth in Afghanistan, Colombia and Somalia, we find the principal drivers of political violence are rooted not in poverty, but in experiences of injustice: discrimination, corruption and abuse by security forces. For many youth, narratives of grievance are animated by the shortcomings of the state itself, which is weak, venal or violent. Or all three. Young people take up the gun not because they are poor, but because they are angry (Mercy Corps, 2015, p. 2).

Ou seja, aquelas pessoas que estão à margem da sociedade e que carecem de oportunidades e de políticas de inclusão são habitualmente inseridas no “campo da rua”. Podemos compreender como “campo da rua” aquilo que ensina Bourdieu (Ilan & Sandberg, 2019), onde este corresponderia a uma arena heterodoxa da vida social. Nele, conceitos como valores, poder e legitimidade diferem daqueles encontrados nos campos convencionais da sociedade. Um indivíduo teria seu valor mensurado de acordo com as habilidades que adquiriu em sua vivência de exclusão da sociedade.

Esta linha de estudos é seguida também por Gilles Kepel, Farhad Khosrokhavar, e Olivier Roy, que seguindo a tradição da sociologia francesa destacam que o processo de radicalização não é simplesmente uma reação à privação econômica ou repressão política, mas, sim, segundo tais sociólogos, um processo que ocorre quando indivíduos buscam reconstruir uma identidade perdida em um mundo compreendido como hostil e confuso (Dalgaard-Nielsen, 2010).

As razões de radicalização fogem ao padrão daquilo que estudamos quando tratamos de radicalismo. Porém, como afirmamos, os motivos da radicalização são diversos, sendo a radicalização o fruto de uma vivência de marginalização. No entanto, aquela não está ligada apenas ao lado socioeconômico. Experiências com racismo, exclusão social, “islamofobia”, por exemplo, também são situações que acabam fazendo com que o indivíduo possa se radicalizar (Ilan & Sandberg, 2019).

Conforme dito acima, toda a vivência em uma realidade de marginalização culmina para que o indivíduo acabe sendo absorvido pelo campo de rua, fazendo com que aquele seja o único caminho e futuro possível a ser seguido.

1.2 Segregação social - falta de oportunidades

Inúmeras são as razões para que haja a captação de pessoas tanto pelo meio criminoso quanto pelas organizações terroristas. Alguns dos motivos estão diretamente ligados ao contexto sociocultural no qual o indivíduo cresceu e faz parte, quer tenha sido essa sua escolha ou não. Algumas particularidades como crescer em áreas classificadas como “perigosas” ou “violentas” afetam diretamente a segregação social sofrida pelas pessoas.

Essas zonas possuem características comumente conhecidas pela sociedade na qual estão inseridas. Podemos citar algumas como o alto índice de desemprego, áreas de alta densidade populacional, população com pessoas socialmente restritas, na qual se encontra, em sua maioria, população de baixa renda, de baixo poder aquisitivo e imigrantes.

A segregação social desses indivíduos se materializa em diversas maneiras. Segundo Body-Gendrot (2010, p. 658), a estigmatização dessa juventude e das áreas que habitam pode ser uma explicação para a ausência de debate público sobre seus direitos quanto cidadãos e as necessidades de reformas políticas.

Segundo Murray (2006, p. 4), nos subúrbios de Paris, as chamadas *banlieues*, a taxa de desemprego pode chegar até os 40%. O termo “*banlieues*”, de acordo com Body-Gendrot (2010, p. 658- 659), acabou por se tornar uma expressão depreciativa. Anteriormente, servia apenas para designar uma área urbana situada nos arredores de uma grande cidade. No entanto, hoje é utilizado tanto pela mídia quanto pela população em conversas de cotidiano com o significado de privação urbana, analfabetismo, segregação, pobreza, drogas e crimes.

As famílias residentes nas áreas em questão acabam sendo consideradas as “causas dos problemas”, vez que são, em sua maioria, imigrantes com famílias grandes, residentes em casas de obras sociais do Estado (Body-Gendrot, 2010, p. 659). Durante as revoltas de 2005, na França, o então Presidente Jacques Chirac responsabilizou as imigrações, entre outros motivos, pelas revoltas (Murray, 2006).

Membros da extrema direita culpam os próprios moradores destas regiões, onde se encontram frequentemente populações muçulmanas, pelos problemas sociais que ali existem. Por esta razão, advogam para que o Estado lhes retire os benefícios sociais concedidos pelo governo (Murray, 2006). Ainda tratando das revoltas de 2005, o então Ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, referiu-se aos manifestantes chamando-os de “escória” (The Guardian, 2005), manifestantes esses que, em sua maioria, eram jovens residentes das áreas suburbanas de Paris (Murray, 2006). A fala do Ministro fez com que a suposta “culpa” pelas revoltas de 2005 recaísse sobre os jovens manifestantes, exonerando a polícia de qualquer possibilidade de culpa. Novamente, fez-se presente a diferença de tratamento entre os filhos de imigrantes e os franceses nativos (Mauger, 2016).

O preconceito se espalha também na área formal de trabalho. A organização antirracista francesa *SOS Racisme* expôs o racismo das companhias francesas ao enviar dois currículos idênticos a uma grande quantidade de companhias francesas. Ambos os

currículos continham as mesmas qualificações, experiência profissionais e conhecimento, a diferença, no entanto, mostrava-se nos nomes dos candidatos fictícios. Enquanto um era de origem francesa, o outro detinha um nome estrangeiro. A ausência de interesse por parte das companhias no candidato estrangeiro fora gritante (Murray, 2006).

No entanto, a alta taxa de desemprego, aliada ao preconceito quanto à origem da pessoa, é apenas mais uma situação degradante e consequente do racismo e da xenofobia na vida desses jovens, que, muitas vezes, veem suas oportunidades e sonhos começarem a se dissipar ainda no âmbito escolar, vez que a desqualificação na escola tende a influenciar negativamente o acesso ao mercado de trabalho (Mauger, 2016). Além disso, dentro do próprio mercado de trabalho existem barreiras sociais que impedem o acesso dessas pessoas a bons empregos, como já explicitado anteriormente.

As constantes falhas acadêmicas e a sua consequente impossibilidade de fazer com que o indivíduo prospere no meio formal de trabalho são alguns dos mais relevantes motivos que fazem com que a segregação social se manifeste.

O histórico de falhas acadêmicas como impulsionador para alguém entrar no campo de rua é um dos primeiros destaques que podemos abordar, uma vez que a falha em acompanhar o ritmo escolar acaba tendo como uma de suas causas a ausência de condições favoráveis em outras áreas, como por exemplo, o núcleo familiar.

Pais com empregos instáveis não conseguem acompanhar o desenvolvimento de seus filhos na escola (Mauger, 2016) e, muitas vezes, nessas famílias não há momentos de interação entre pai e filho, pois o convívio familiar é interrompido pela alta demanda de carga horário de trabalho, o que acaba por não só prejudicar os laços familiares, como também o desenvolvimento escolar. Nesse sentido, Mauger (2016, p. 39)

Confrontado com a impossibilidade física de garantir o controle e a incapacidade cultural de acompanhar (especialmente na escola) as crianças “que os escapa” (em todos os sentidos da palavra), sujeitos a injunções contraditórias dos assistentes sociais que os convidam a ter menos severidade e mais rigor, as famílias são rotuladas de “demissão”: constatações de falências

que consolidam sua desqualificação. Assim, as crianças costumam ser “deixadas a se defender” e o enfraquecimento do controle da família fortalece a socialização dos grupos de pares (a rua e suas ocupações como espaços de socialização dos jovens), e enfraquece a importância da supervisão escolar.

Desta forma, uma divisa é criada entre aqueles estudantes com condições socioeconômicas desfavorecidas; e os demais, com condições melhores. O tempo acaba fazendo com que a divisa aumente entre os alunos, pois, ao contrário da situação ilustrada acima, alunos com condições financeiras melhores possuem a seu favor a possibilidade de ter uma estrutura de apoio que evita o fracasso escolar (como aulas de reforço, por exemplo).

Para alguns, a presença na sala de aula acaba se tornando irrelevante, já que consideram o fracasso como um cenário iminente, e com isso, a situação de exclusão do meio social e o estigma escolar que acompanham o fracasso também acabam por fazer com que os alunos desfavorecidos procurem em outro ambiente social aquilo que carecem na escola.

Logo, torna-se uma situação de nós e eles, uma dicotomia latente na qual uma das partes é composta pelo grupo de alunos estigmatizados, cuja integração com a sociedade escolar fora prejudicada pelo péssimo desempenho e pela ausência; e a outra, sendo os “bons alunos”, os “nerds”, aqueles que claramente não tem o seu futuro escolar dependendo de fatores sociais e econômicos (Mauger, 2016).

1.3 O campo da rua

A progressão para a delinquência da rua advém de situações de marginalização como a que ocorre no âmbito escolar. A figura do aluno ruim representa uma imagem forte na cultura de rua. É uma forma de compensar o estigma já direcionado àquele indivíduo.

A escola acaba por ser um divisor de águas na vida dessas pessoas. O fracasso no ensino médio e técnico acaba por impedir que tais alunos ultrapassem a barreira da entrada na universidade, fazendo com que busquem empregos subalternos, que muitos

classificam como tendo características “femininas”, o que acaba por fomentar uma característica muito presente na radicalização, que é a hiper-masculinização (Kimmel, 2018).

Ao tratamos da hiper-masculinização, estamos nos referindo às características e atitudes que fazem com que a masculinidade seja super exposta e exibida na sociedade. Exemplo disso, afirma Michael Kimmel (2018, p. 197), está presente na própria lógica do Talibã e suas políticas, que tem como objetivo masculinizar os homens e feminizar as mulheres, como uma forma de conter os avanços da globalização e dos direitos conquistados com as políticas de igualdade de gênero, como: a liberdade de vestimenta, de ir e vir, de estudar e de entrar em mercado de trabalho. Nesse sentido, a utilização de burcas, a restrição de sair em público acompanhadas somente de homens e o impedimento de conseguir empregos e estudar podem distinguir as duas realidades: a imposta pelo sistema e a do mundo globalizado. Tenta-se, portanto, retirar o poder que a mulher teve sob si mesma, delegando-o ao homem.

Além disso, o autor (Kimmel, 2018) pontua que o uso da barba, para além do motivo religioso, pode se dar também como uma forma de hiper-masculinizar os homens, pois ela representa uma distinção natural entre o corpo feminino e o masculino. Por fim, o uso de armas e reconhecimento e prestígio dados a aqueles que são bons soldados, isso é, fazem bom uso da força, são uma das características de grupos hiper-masculinizados também.

A análise de músicas, principalmente do gênero *rap*, que é o predominante dentro das tendências do chamado “*Jihadismo* Ocidental” - termo este utilizado para caracterizar as práticas de cultura *jihadista* que são mescladas com a cultura ocidental, principalmente com os trejeitos de gangues, características da criminalidade ocidental - comprovam a valoração das características masculinas, construindo uma figura de muçulmanos como “homens de verdade”, militantes heroicos que protegem suas mulheres, construídas como uma figura quase que espiritual, de sua propriedade (Larsen & Jensen, 2019).

Por esta razão, o campo da rua acaba por atrair aqueles que se encontram em situações desfavoráveis, sem condições e sem requisitos básicos para entrar no campo

formal de trabalho, pois ele dá poder àquele que é marginalizado. O aumento dos requisitos de contratação, assim como a desqualificação da força de trabalho simples e a discriminação racial também contribuem para que o campo da rua acabe sendo mais atrativo do que o campo de trabalho convencional, até porque aquilo que beneficia o indivíduo no campo da rua normalmente diminui seu valor no campo convencional (Sandberg, 2008).

Essa juventude não consegue se inserir em empregos que garantam o mínimo para sua subsistência, portanto optam por participar de uma “economia ilegal”, ou seja, participam de negócios ilegais, roubos e furtos, por exemplo. Essa participação acaba tanto por complementar a renda básica quanto por suprir a necessidade de pertencimento, fazendo com que os jovens possam “apropriar-se de atributos estatutários da excelência juvenil”, como roupas de luxo e carros, bens que não teriam acesso caso não estivessem participando deste meio (Mauger, 2016).

A criminalidade é transformada no seu sustento e propicia aos jovens uma forma de conseguir viver confortavelmente com os lucros das atividades criminosas, o que acaba sendo um incentivo para permanecer nesse caminho.

No entanto, é importante ressaltar que, para ingressar no mundo da criminalidade, o indivíduo deve dispor de certas características e estar disposto a tomar certas atitudes que serão necessárias para se estabelecer, como, por exemplo, a capacidade para se envolver com violência interpessoal e a habilidade de “parecer certo” (refere-se a ter as maneiras e o estilo de comunicação apropriada para representar dureza necessária).

Os jovens acabam encontrando dentro de seus próprios bairros residenciais, que em sua maioria são formados por pessoas com o mesmo poder aquisitivo, polos de recrutamento para a esfera criminoso. Em bairros populares, como os *banlieues* de Paris, isso acabava criando um ciclo vicioso, no qual jovens sem perspectiva de futuro encontram na criminalidade uma possibilidade de vida e se mostram dispostos a participarem do campo da rua. Esses “novos recrutas” começam na cadeia hierárquica com serviços menores e, com o passar do tempo e acúmulo de *know-how*, vão crescendo da organização (Ilán & Sandberg, 2019).

De acordo com Sandberg e Pedersen (2008), essas são algumas das características necessárias para que um indivíduo consiga obter e acumular *street capital*. Na medida em que o “empreendimento” se consolida junto ao ambiente criminoso, há a necessidade de parcerias que permitam que o negócio não só prospere, mas também se torne confiável e seguro para a sua clientela, o que implica a criação de parcerias entre a esfera criminosa e membros de sua rede (traficantes, quadrilhas, bandidos e outros).

Pierre Bourdieu (1986) define *social capital* (ou capital social) como sendo uma “agregação de real ou potenciais recursos que estão conectados a uma posse de uma durável rede de conexões mais ou menos institucionalizadas, de respeito mútuo ou de reconhecimento”.

Para Ilan (2013), essa rede de conexões dentro do mundo criminoso pode ser chamada de *social street capital* (ou capital social de rua), e mostra sua importância pelas vantagens disponíveis através da rede de contatos da cultura de rua. Através dela, é possível a criação de alianças protetivas entre grupos e indivíduos pertencentes à cultura de rua, que, por sua vez, permite o encontro de novos mercados criminosos a serem explorados em outras partes da cidade.

De acordo com Ilan e Sandberg (2019, p. 7), podemos considerar que a exclusão do indivíduo do campo convencional da vida socioeconômica contribui para a sua entrada no campo da rua e a radicalização ao *jihad*. A necessidade de encontrar um meio que permita que a pessoa “prosperar” faz com que essa busca se expanda para os meios informais e ilegais devido às restrições impostas nos meios formais. São essas as situações que fazem com que o indivíduo exponha aquilo que ele compreende como sendo uma característica sua que é única e que será vantajosa no meio criminoso, quando confrontado com situações de exclusão social e econômica.

1.4 A progressão da cultura de rua para o terrorismo

A participação de membros da esfera criminosa em ataques terroristas tem chamado a atenção de agências de segurança de vários países (como a CIA nos Estados

Unidos e o MI6 no Reino Unido). As motivações que fazem com que criminosos comuns se aliem e pratiquem o *jihad* junto a organizações terroristas têm sido alvo de grande debate dentre aqueles que pesquisam os fenômenos do terrorismo, da radicalização violenta e da criminalidade.

Pesquisas mostram que, dentre os anos de 1994 a 2013, cerca de 38% dos ataques terroristas que aconteceram na Europa foram, pelo menos, parcialmente financiados por pequenos criminosos, cuja atividade criminosa se baseava em roubos, tráfico de entorpecentes e fraude (Emile Oftedal apud *Extreme criminals* p. 208-209) .

Criou-se então, a *New Crime-Terror Nexus*, onde é estudada a ligação entre as esferas terrorista e criminosa. Pesquisas mostram que não apenas para fins de financiamento a esfera terrorista adota os membros da esfera criminosa. Pelo contrário, existem diversos fatores que fazem com que pessoas (em sua maioria, homens) com histórico de crimes violentos acabem sendo recrutado por organizações terroristas (Basra & Neumann, 2016).

Importa ressaltar que não apenas as características violentas saltam aos olhos de grupos terroristas, mas também ambas as esferas acabam tendo nas prisões a principal fonte de recrutamento, assim como de radicalização:

Rather than in universities or among religious students, Islamic State and/or its successors increasingly find recruits in European 'ghettos', in prisons, as well as among the European 'underclasses' and those who have previously engaged in violence and illegal acts (Basra & Neumann, 2016, p. 26).

A vulnerabilidade é um dos grandes impulsionadores para que o indivíduo recém inserido no ambiente prisional esteja disposto e aberto a novas possibilidades, com a disposição e vontade de identificar novas ideias, crenças e grupos sociais que façam com que a carência psicológica e física seja suprida (Basra & Neumann, 2016, p. 30).

É o caso, por exemplo, dos autores dos ataques terroristas ocorridos em janeiro de 2015, em Paris, os irmãos Cherif e Said Kouachi e Amedy Coulibaly, cidadãos franceses que passaram pelo processo de radicalização violenta e se tornaram adeptos

ao *jihadismo* (Walklate & Mythen, 2016, p. 335). Nascidos e criados na França, os três indivíduos vivenciaram situações de marginalização em diferentes momentos de suas vidas que fizeram com que a prática da *jihad* e de ações terroristas fizessem sentido.

Dentre os três citados, dois detinham fichas criminais com condenações e passagem pelo sistema carcerário, onde Coulibaly e Cherif Kouachi se conheceram. Kouachi fora detido ao tentar embarcar em um voo para a Síria, após ter chamado atenção das autoridades francesas por fazer parte de uma célula que buscava homens jovens para lutar no Iraque. Coulibaly, por outro lado, detinha histórico de roubo armado e tráfico de entorpecentes, fazendo com que fossem frequentes as idas à prisão. Fora na prisão que ambos se conheceram e podem ter se radicalizado (Walklate & Mythen, 2016).

Ademais, os recrutadores *jihadistas* acabam encontrando nas prisões um local onde há uma grande concentração de pessoas com características desejáveis aos grupos terroristas: homens relativamente jovens, advindos de um passado muçulmano (mesmo que se mostrem não praticantes da religião), dispostos a arriscar-se e com experiência em conflitos com as autoridades (Walklate & Mythen, 2016).

De fato, o passado criminoso acaba por ser uma vantagem ao invés de uma desvantagem. A propensão para manter-se com a rotina criminosa que já estava habituado, dessa vez, no entanto, voltada a um objetivo “sagrado”, que é como entendem a prática do *jihad*, faz com que seja relativamente fácil ultrapassar as barreiras entre as esferas e se unir a esse novo grupo.

Na verdade, a prisão acaba por ser uma oportunidade para recrutadores terroristas: casos como o de Kouachi e Coulibaly são apenas alguns dos exemplos bem sucedidos de recrutamento nas prisões, que acabou por unir um criminoso comum com um extremista, que juntos acharam na prisão um recrutador que levou a diante a radicalização de ambos (Angelique, 2015). A prisão, por não determinar a separação entre seus prisioneiros (separar, por exemplo, os terroristas de criminosos comuns), cria um ambiente onde é possível que haja a socialização entre ambos os lados e permite que o elo seja estabelecido. Assim aduz Khosrokhavar (2021, p. 124): “*The high*

proportion of Muslims in many European prisons pushes them toward radicalization: they believe that they are locked up mainly because of their migrant origin”.

A radicalização não se limita, no entanto, ao ambiente carcerário. Após a sua liberação, aquele indivíduo que já iniciou o contato com o recrutador ou com as ideias *jihadistas* busca continuar seu processo de radicalização, de acordo com a pesquisa e dados obtidos por Basra e Neumann (2016) .

A vulnerabilidade não é a única situação na qual um indivíduo se mostra aberto a receber novas ideias. Pesquisas mostram que situações traumáticas (crises pessoais ou eventos traumáticos, por exemplo), são propensas a fazerem com que um indivíduo reavalie o seu modo de vida, tornando-se aberto a ideias e valores radicais.

A religião como forma de “redenção” pelos atos cometidos no seu passado faz com que esses indivíduos encontrem no *jihadismo* uma alternativa. Ele se mostra como uma solução, já que apresenta uma “redenção” do mundo do crime, enquanto que ao mesmo tempo satisfaz a necessidade pessoal que fez com que a pessoa se envolvesse desde o início (Basra e Neumann, 2106).

A sensação de poder, pertencimento e violência, comumente associadas às gangues, também são encontradas em organizações como o Estado Islâmico, que, ao contrário do que a *al-Qaeda* pregava, não requer dedicação e nem ao menos conhecimento prévio da religião para fazer parte da organização, pelo menos até a fase de recrutamento.

Nesse viés, também podemos atentar a outro fator importante que faz com que seja recorrente a busca pelo *jihadismo* como forma de redenção, que é a legitimação da violência.

This is primarily about extremists telling criminals, “‘you do not need to change your behavior, only your motivation.’ This could prove to be an incredibly powerful message, as it promises immediate gratification, as well as spiritual legitimation for criminal behavior.” (Basra & Neumann, 2016, p. 211)

Clássicos fatores sociológicos como a falta de educação e a marginalização socioeconômica podem ser fatores que fazem com que pessoas de baixa renda ou em situação de vulnerabilidade acabem passando pelo processo de radicalização. Da

mesma forma como são dois dos motivos mais relevantes do porquê essas pessoas entram para o campo da rua.

É possível que a realidade de marginalização, ao mesmo tempo que diminui suas habilidades e valores perante o meio habitual de emprego, acabava por gerar poder ao indivíduo perante o campo da rua, destacando habilidades que não seriam consideradas como fortes em um emprego formal, como por exemplo, a de participação em delitos e o crescimento do respeito no meio criminoso.

No entanto, devemos levar em conta que, apesar de pessoas de baixa renda e em situação de vulnerabilidade serem mais propensas a entrar no campo da rua e eventualmente passarem para o extremismo violento com a radicalização violenta, não podemos deixar de mencionar que existem casos (que tem ganhado destaque recentemente) de pessoas que se tornaram radicais violentos e não possuíam passado de marginalização socioeconômica ou falta de habilidade escolar.

São situações em que visualizamos a perda de uma outra característica importante já mencionada ao longo deste capítulo, que é a perda da identidade do indivíduo e como a busca por tal identidade acaba se tornando um fator importante na radicalização. Por esta razão, este será o próximo tópico de análise.

2 A ausência de identidade como um fator predominante na radicalização

A identidade é um fator essencial a ser estudado quando abordamos assuntos relacionados à segurança, logo, com a radicalização e terrorismo não poderia ser diferente. Isso porque o primeiro artifício utilizado por políticos, jornalistas e cidadãos comuns, numa tentativa simplista de tentar entender e justificar atos contra a segurança nacional em um mundo globalizado, é culpar alguém a partir de um julgamento sobre onde ele veio (Richards, 2017).

Assim, se as fronteiras diminuem e qualquer um é posto em pé de igualdade com os demais em um mundo globalizado, o primeiro movimento feito durante a ocorrência de uma ameaça à segurança é o de criar diferenças e de escolher características que possam diferenciar um grupo de outro, isso é, o dos suspeitos e das vítimas (Richards, 2017).

Contudo, essa divisão não se atém à hora e aos locais de atentados e crimes, mas vai além e busca os sujeitos por detrás dos atos, de onde eles vêm, o que fazem, para quem rezam, onde nasceram, e assim por diante. Nesse sentido, Richards analisa que, dentre os episódios de opressão étnica e sectarismo presentes em Ruanda e na Alemanha, respectivamente, por exemplo, políticas identitárias estiveram presentes em situações de ameaça de segurança, seja para conceituá-las ou para responder a elas (Richards, 2017, pp. 1-3). Não seria diferente, portanto, em outros países do globo, como na Inglaterra, país de origem de *Jihad John*, caso que será explicado no terceiro capítulo dessa dissertação.

Desta forma, é possível, portanto, que dentro de um país exista comunidades ativas de outras nacionalidades, que professam religiões diferentes, culturas distintas e entendem a macro nacionalidade de forma diversa, mas mesmo assim coexistindo em um certo grau de harmonia. Não seria incomum, por seu turno, ser britânico de nascença, com descendência asiática, professando fé islâmica, por exemplo (Richards, 2017).

Contudo esse cenário multicultural e diverso divide opiniões e acentua extremismos políticos, que foram responsáveis, dentro outros fatores, pelo fortalecimento de uma extrema direita nos países ocidentais, que levantam bandeiras anti migratórias, dentre outras.

Essa divisão se fez presente, inclusive, dentro da política britânica, uma vez que, se, por um lado, o pensamento de James Gordon Brown, Primeiro Ministro britânico entre 2007 e 2010, é de que o que faz um cidadão ser cidadão britânico é a obediência a uma série de valores centrais que devem ser seguidos, e que a existência de sub identidades nacionais pode transformar a sociedade britânica em ainda mais rica; por outro lado, David Cameron, Primeiro Ministro subsequente de Brown, defendia que essa possibilidade de existência simultânea e da expressão cultural das sub identidades como um problema para o Estado (Richards, 2015, pp. 7-9).

Entretanto, é preciso pensar que, para além da discussão de políticas que permitam essa coexistência multicultural, ocorre ainda um processo de formação de identidade que fica prejudicado. Entre esses pensamentos opostos, grupos minoritários ficam no meio dessa encruzilhada tanto política como identitária, especialmente a população islâmica, alvo de grande preconceito e ataques. Além disso, diante dessa identidade recortada, os muçulmanos militantes oferecem uma possível resposta à essas lacunas causadas pelos valores relativistas do mundo ocidental e um combate ao tratamento desigual, fruto de práticas diárias de racismo e xenofobia, que por sua vez não se caracterizam como uma situação de exclusão de culpa exclusivamente individual, mas uma falha da cultura de uma sociedade ocidental hostil (Kimmel, 2018).

A questão sobre terrorismo se acentuou depois dos ataques de 11 de setembro de 2001, de forma que muitos comentadores transformam a data em um marco de um novo terrorismo (Richards, 2017, p. 11). Diante disso, tornou-se necessário mudar a abordagem do problema, não só tentando proteger-se do terrorismo, mas preparar-se para ele, prevenir seus ataques e persegui-lo. Além disso, com os ataques terroristas da *Al Qaeda*, alguns fatores da identidade macro se tornaram importantes no discurso de segurança. Isso fez com que o que antes já era marcado por um clima hostil, fosse transformado em ameaça real.

To become a jihadist means that citizenship must be renounced: in effect, that pursuit of violent jihadism is incompatible with the right to have a European national identity (Richards, 2017, p. 8).

Entretanto, essa identidade europeia acaba indo de encontro a algumas práticas tradicionalmente repassadas por muçulmanos. Ficar em mesmos lugares com mulheres, ouvir músicas seculares, ter algum relacionamento afetivo com alguém fora da comunidade muçulmana, ou seja, fazer coisas que qualquer pessoa de cultura ocidental não estaria impedida de fazer, é mais que impensável, mas proibido. Fica evidente, portanto, que a questão aqui vai além de condições econômicas ou de acesso à políticas sociais, mas de convivência em dois grupos que permitem ou proíbem coisas opostas (Kimmel, 2018).

Em um ambiente globalizado, sem a perspectiva de tratamento igualitário entre cidadãos de origem europeia, é comum que cidadãos que professam a fé islâmica ou descendentes de árabes sintam-se intimidados pela polícia britânica, que, principalmente, após o ataque de 11 de setembro nos Estados Unidos e o de 2005 em Londres, passou a ter uma nova abordagem com esse grupo, tratando-os como possível suspeita de futuros atentados.

É importante lembrar também que não só o próprio grupo islâmico por si só sofre xenofobia, como também uma série de políticas públicas foram feitas de forma a banir o uso de vestimentas como o *niqab* e a *burca*, e em outros países ainda existe uma grande discussão sobre a possibilidade de se usar o *jihab*, elementos do vestuário feminino islâmico que são característicos da religião. Mais uma vez, portanto, uma forma de reprimir a expressão da identidade desses grupos (Kimmel, 2018=.

Nesse sentido, Richards defende que a busca por uma identidade nesse ambiente hostil acaba por justificar também a participação dessas pessoas em movimentos terroristas, o que, por sua vez, demonstra que a questão perpassa para além de uma ideologia ou um movimento extremamente organizado - como as imprensas ocidentais costumam retratar - mas por um aspecto do próprio

desenvolvimento pessoal de uma identidade fragmentada e muitas vezes perseguida (2017, p. 28).

Nesse sentido, Richards (2017, p. 55) comenta:

The processes of identity formation and adjustment at the individual level over time could be said to be absolutely central to individual and collective behavior including situations where violent courses of action are chosen. This is where much analysis directs itself in the immediate aftermath of violent and terrorist attacks, in terms of identifying the individuals responsible and dissecting their personal life-stories. Linking the macro- and micro-levels of analysis within a security context takes us into two key areas. First are questions of the intersection between an individual's personal situation and that person's decision to become part of a radical or violent cause, eventually leading to the commission of a violent act against fellow citizens. There is an important shift here in the contemporary era. Traditionally, such analysis concerned itself primarily with the methods by which violent organizations were able to draw people into their ranks and convince them to carry out violent acts, since this was the traditional model of terrorism through most of the twentieth century. (...) The second key area of debate stimulated by the intersection between micro- and macro-level analyses of identity and security is that of multi-culturalism and the state.

Além disso, Richards (2017, p. 55) conceitua a radicalização como *"is one describing a "process" of transformation, whereby, in identity terms, an individual moves from one set of identity indicators to an entirely different one over a period of time"*, ou seja, relacionando-o diretamente com o conceito de identidade.

Sociólogos e estudiosos da vertente francesa da sociologia também consideram que o fenômeno da radicalização está diretamente ligado à busca por uma identidade e dignidade, que, combinados com a constante discriminação e pressão imposta pela sociedade, faz com que um indivíduo fique mais propenso a aceitar ideias voltadas ao radicalismo islâmico (Dalgaard-Nielsen, 2010, p. 800).

Nesse sentido, Kimmel (2018, p. 187) consegue ainda fazer uma comparação entre os *jihadistas* e os políticos de extrema direita estadunidense, pois ambos os grupos são formados por pessoas jovens que possuem histórias de isolamento na infância ou

adolescência, com episódios de bullying na escola, que acabam se sentindo como se não pertencessem a nenhum grupo.

A situação se agrava ainda mais, no caso de jovens muçulmanos, quando se torna impossível agradar tanto a comunidade muçulmana, com suas práticas tradicionais repassadas pelos familiares, quanto os demais cidadãos, principalmente aqueles que são contra a coexistência de políticas multiculturais e que querem que eles vão embora. O conceito de adequação ou pertencimento a qualquer uma das realidades simultaneamente: ser um jovem britânico ou um jovem muçulmano torna-se impossível (Veldhuis & Staun, 2009a).

Essas pessoas fazem parte de uma sociedade ocidental, com costumes e práticas muito diferentes daquelas que lhes são passada pelo seus pais, que cresceram em sociedade com costumes e práticas da religião islâmica. Essa discrepância entre os costumes acaba criando duas existências dentro de um indivíduo (ser um cidadão europeu e ser muçulmano) que acabam muitas vezes se encontrando em conflito.

É o caso de Abdelhamid Abaaoud, filho de Omar Abaaoud, um imigrante marroquino que se mudou para a Bélgica e começou a trabalhar em minas de carvão. Com o tempo, adquiriu duas lojas de roupa e uma pequena fortuna, fazendo com que ele e sua família vivessem com o *status* de classe média alta. Apesar da condição financeira favorável, Abdelhamid ainda sofreu com o preconceito da sociedade belga, que os ressentiam por terem construído sua riqueza no “local de direito” dos belgas, principalmente aqueles que tinham uma situação econômica pior que a da família Abbaoud. Ou seja, para os belgas, os árabes não poderiam estar uma posição economicamente mais favorável que eles, por não ser o seu “local natural” na sociedade branca (Khosrokhavar, 2021, p. 122).

Esse racismo e sua constante percepção fez com que Abdelhamid cometesse pequenos furtos, mesmo com a sua situação financeira favorável. Transgredindo as regras sociais, ele agora pertencia a um grupo, ou seja, o de árabes economicamente inferiores na sociedade branca da Bélgica, fazendo com que ele fosse de fato visto como um pária, como ele sentia que fosse esperado pela sociedade (Khosrokhavar, 2021, p. 122).

Com os furtos, Abdelhamid foi condenado e cumpriu sua pena na prisão, onde foi eventualmente radicalizado. Para ele, o desvio de condutas e o Islã foram as formas de provocar a sociedade, em resposta às provocações constantemente exercidas por esta.

He projected himself into a mythical Islamic identity as an alternative to a double denial: neither Belgian nor Moroccan; neither Belgian nor Rifan (from the Rif region in Northern Morocco, populated mainly by Berbers speaking Amazigh, a non-Arab language); neither middle class nor lower class. His case is not exceptional. Even though belonging to the middle classes, many second- and even third-generation migrants' sons feel the humiliation of not being regarded as genuine citizens by others. Paranoia sets in. Not only do they feel the contempt that many people (but not all) show them, but they experience it obsessively everywhere, even where it does not exist, in the neutral gaze of a passer-by, in contact with others whom they suspect to be biased toward them without any tangible evidence... They build up, in a morbid way, a stereotype image of Europeans (French, Belgian, English...) who, they believe, reject Muslims. This in turn pushes them to be more aggressive and sets off a vicious circle of rejection and counter-rejection that ends up, in few cases, in jihadism that operates as an ultimate dismissal of mainstream society (Khosrokhavar, 2021, p. 123).

Nos dias atuais, ter costumes ou até mesmo vestir-se com roupas e adereços que remetam ao islamismo é visto como algo ruim, principalmente pelas sociedades ocidentais que têm constantemente difundindo pela mídia a ideia de que todos os muçulmanos são ou apoiam radicais terroristas (Khosrokhavar, 2021, p. 122). Ou seja, para fugir de ataques como o racismo e a xenofobia, muitas vezes, o indivíduo acaba por suprimir sua identidade islâmica para que possa ser aceito e pertencer a um grupo social em uma sociedade que já está propensa a rejeitá-lo, mesmo que este opte por fazê-lo sozinho.

Sobre esta questão, Buijs *et al* (2006) relatam em seu estudo o que segue:

(...) Moroccan youngsters in the Netherlands feel alienated from both their parents and Dutch society and have a hybrid identity that is not recognised and accepted by their direct environment.

As a consequence they find a satisfactory identity in the *Ummah* that binds them with other Muslims and for which nationality, be it Moroccan or Dutch, becomes irrelevant. The more they invest in this identity and the more their friends adopt it, the stronger the identification will become.

Contudo, Kimmel (2018) pontua que existe uma dificuldade em definir o que é ser radical ou extremista, principalmente porque esses dois conceitos perpassam por um confronto de uma noção clara e aceita por todos, logo inexistente, do que seria ser britânico, situação que se agrava ainda mais quando se aborda um país com políticas multiculturalistas. Assim, é preciso pensar que o conceito de radicalismo aceita uma roupagem relativa, e não fechada ou absoluta. Isso explica, portanto, o porque o uso de vestimentas religiosas como a burca, pode ser um ato extremista para algumas pessoas e para outras não. Assim: *“They argue, radicalization occurs as individuals seek to reconstruct a lost identity in a perceived hostile and confusing world”* (Dalgaard-Nielsen, 2010, p. 40).

Na verdade, podemos dizer que tal aceitação pelos ideais radicais está ligada à ausência de uma identidade social com a qual o indivíduo possa pertencer e ser acolhido. Principalmente, se analisarmos a situação das gerações mais jovens de famílias de origem árabe que imigraram para a Europa nas últimas décadas.

Por esta razão, a identidade é tida como um fator predominante no processo de radicalização de uma pessoa. Logo, faz-se mister tê-la elencada como um dos fatores mais importantes a serem estudados, visto os desdobramentos que ela pode causar no curso da vida social de um indivíduo.

Pesquisas demonstram que a identificação com um grupo social pode prever de forma acurada o comportamento social de um indivíduo. Ou seja, nós nos comportamos de acordo com quem nos identificamos. Além disso, de acordo com a *Social Identity Theory*, as pessoas adquirem auto-estima quando se identificam com um grupo.

A *Social Identity Theory* (ou SIT) tem sua origem na área da psicologia, criada pelo psicólogo social Henri Tajfel. Segundo tal teoria, as pessoas formulam opiniões com base naquilo que classificam e identificam como *“in-groups”* ou *“out-groups”*. O *“in-*

group”, é composto pela comunidade que a pessoa está inserida, ou seja, aquela em que o indivíduo identifica maiores similaridades com outras pessoas. O sentimento de pertencimento é o que difere o “in-group” do “out-group”, sendo este segundo caracterizado por todos aqueles que não compõe o primeiro, ou seja, é aquele que o indivíduo não se identifica, aquele que detém o contraste entre si mesmo e os demais (Linville et al., 1989).

A concepção individual é determinante para a criação pessoal de “in-group” e “out-group”. Assim, os critérios de identificação de cada sujeito são únicos, fazendo com que o sentimento de pertencimento seja diferente de pessoa para pessoa (Linville et al., 1989).

De acordo com o dispõe a SIT, as pessoas não são propensas a aceitar ou ter pensamentos positivos sobre aqueles que pertencem ao “out-group”. Enquanto que o sentimento quanto aos integrantes do “in-group” estejam ligados ao perdão, otimismo e amor, ao “out-group” existe um sentimento de animosidade. A mera consciência da presença (ou existência) de um “out-group” é o suficiente para que ocorra discriminação por parte do “in-group”(Austin et al., 1986).

2.1 A Social Identity Theory e a percepção de terrorismo pela mídia e pela audiência

A *Social Identity Theory* não fica delimitada a apenas o estudo relativo a questão de identificação de um indivíduo com um grupo social. Ela pode ser aplicada ao estudarmos uma sociedade como um todo. Por exemplo, podemos aplicar esse estudo na mídia e na forma como essa divulga notícias relacionadas aos ataques terroristas. O que defendemos aqui é que existe uma distinção clara na divulgação midiática quando um atentado foi cometido por um indivíduo de origem árabe e um branco.

Podemos citar aqui o exemplo do atentado em Christchurch, na Nova Zelândia, em 15 de março de 2019, onde um homem de nacionalidade australiana abriu fogo contra os frequentadores de duas mesquitas da cidade. Brenton Tarrant transmitiu ao vivo pelo *Facebook*, com o auxílio de uma câmera presa à sua cabeça, quando abriu fogo

indiscriminadamente contra homens, mulheres e crianças que estavam na mesquita de *Al Noor* para seu momento de oração (BBC, 2019).

Durante 17 minutos, Tarrant transmitiu seus atos de violência para que todos tomassem ciência de seus atos. Os ataques deixaram 51 vítimas fatais e em torno de 48 feridos, e segundo Jacinta Arden, Primeira Ministra da Nova Zelândia, este foi um dos dias mais sombrios da história do país.

Ao contrário do que a mídia divulgou naquele dia, a Primeira Ministra do país utilizou a palavra “terrorista” para se referir ao evento, enquanto que grandes nomes do jornalismo mundial não. Qual seria o motivo para que um evento com estas características não fosse noticiado como um ataque terrorista?

Vejamos as principais manchetes sobre o fato em vários veículos de informação. A primeira é de autoria da BBC, e diz: *“Christchurch shootings: 49 dead in New Zealand mosque attacks”* (BBC, 2019). A segunda, da CNN, que assim dispõe: *“49 killed in mass shooting at two mosques in Christchurch, New Zealand”* (Regan, 2019). Por sua vez, o New York Times publicou a seguinte manchete: *“More Than a Dozen Victims in Critical Condition After New Zealand Shootings”* (The New York Times, 2019).

Na mesma linha seguiram veículos de comunicação portugueses e brasileiros. Segundo a rede de notícias portuguesa SAPO: “Pelo menos 49 pessoas morreram em ataque a mesquitas na Nova Zelândia” (SAPO, 2019). De acordo com o Observador: “Nova Zelândia. Suspeito dos ataques às mesquitas acusado de homicídio” (Lopes, D., 2019). Segundo o site brasileiro, G1 (2019): “Ataques a duas mesquitas deixam 50 mortos na Nova Zelândia”.

A intenção ao destacar estas matérias de fontes jornalísticas diversas e de locais diferentes do mundo é mostrar exatamente a ausência da denominação “terrorismo”, em todas as citadas.

A primeira pessoa a classificar o ataque como um “ataque terrorista” foi a Primeira-Ministra da Nova Zelândia, Jacinda Arden. Após seu discurso, os veículos de notícia passaram a incluir menções a terrorismo como forma de descrever os ataques em questão.

Situação semelhante foi o caso do atentado terrorista ocorrido em Orlando, Flórida, Estados Unidos, em 12 de junho de 2016, também conhecido como o “Massacre de Orlando”, em que um americano abriu fogo contra os frequentadores da boate LGBTQIA+² Pulse, fazendo 49 vítimas fatais e 53 vítimas gravemente feridas³.

O terrorista ligou para o serviço de emergência dos Estados Unidos através do número 911, e proclamou sua aliança ao grupo terrorista ISIS. Era, até o momento, o evento que deixara o maior número de vítimas fatais, depois do 11 de Setembro de 2001. Tamanha atrocidade, no entanto, fora retratada com características de tiroteio e assassinato em massa. Teria a nacionalidade do terrorista influenciado o modo como a matéria foi divulgada? Como foi dito, o autor do massacre era americano, muçulmano de pais afegãos.

Algumas das manchetes dos veículos de notícia reforçam a alegação. Segundo o site do The New York Times: *“Orlando Gunman Attacks Gay Nightclub, Leaving 50 Dead”* (The New York Times, 2016). A BBC, por sua vez: *“Orlando shooting: Latest attack on LGBT community”*. O portal de notícias brasileiro, G1 (2016) reportou como: *“Atirador abre fogo em boate gay em Orlando e deixa mortos e feridos”*. O The Guardian: *“Orlando Pulse club attack: gunman identified as police investigate motive”* (Lyons, 2016).

A CNN noticiou o fato de duas formas diferentes que valem a pena ser ressaltadas, a primeira: *“Orlando shooting: What motivated a killer?”* (Ellis et al., 2016), e a segunda: *“Orlando shooting: 49 killed, shooter pledged ISIS allegiance”* (Ellis et al., 2016). Como é possível perceber, a CNN identificou que o autor da tragédia tinha ligações com o grupo terrorista ISIS, no entanto, novamente, não o classificou como “terrorista”.

Apesar da possibilidade de os autores da matéria não possuírem conhecimentos específicos sobre conceitos de terrorismo, ignorar o fato do próprio autor da tragédia se identificar como tal reforçam as suspeitas de que a classificação

² LGBTQIA+ significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais/Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual, com o símbolo + representando todas as demais possibilidades de representação referente a orientação sexual e identificação de gênero.

³ Alguns veículos de notícia incluem o atirador como fatalidade, já que o mesmo morreu em cena, o que faz com que o número de mortes seja reportado como 50.

como “terrorista” é empregada a apenas uma parcela dos verdadeiros terroristas, aqueles que se encaixam no padrão do que seria o terrorismo

Sobre essa questão, inúmeras pesquisas foram realizadas a fim de compreender melhor o porquê certas situações são retratadas pela mídia como atentados terroristas e interpretadas pela audiência como tal.

Um destes estudos, elaborado por Advan e Webb (2019), utilizou justamente a *Social Identity Theory* como meio para interpretar estes resultados, que valem a pena serem comentados. O estudo teve como público alvo cidadãos dos Estados Unidos da América e teve como objetivo compreender o porquê das pessoas se mostrarem mais interessadas em alguns ataques terroristas do que outros, e também quais fatores influenciam na percepção de ameaças terroristas. Importante atentar para a seguinte afirmação:

The public plays the role of victim and audience. Victims of terrorism suffer physical harm and psychological trauma. The public is also the primary target audience. The audience extends beyond national boundaries to international audiences (Avdan & Webb, 2019, p. 91).

Ou seja, mesmo que fisicamente distante, as pessoas que assistem as notícias sobre ataques terroristas estão suscetíveis aos mesmos danos que as vítimas locais dos ataques, já que, como foi visto, esses têm um alcance além das vítimas imediatas.

Talvez a afirmação mais importante na construção deste estudo seja a que segue:

Recent terrorism research shows that perpetrators' demographic characteristic mould our perceptions of terrorist violence. D'Orazio and Salehyan (2016) show that Americans are more likely to classify violent acts by Arab Americans as terrorism than similar acts by white Americans. Similarly, Huff and Kertzer (2018) demonstrate Americans are predisposed to designate violence perpetrated by Muslims as terrorism while they define the same incidents as mass murder if the perpetrators are non-Muslims (Avdan & Webb, 2019, p. 92)(Tarrow, 2011).

Isto também está diretamente ligado à SIT, na qual identificamos as claras definições de *“in-group”* e *“out-group”*. Um dos experimentos de Avdan e Webb (2019) consistiu em testar se a proximidade e a percepção de terrorismo estariam ligadas a fatores raciais e religiosos. De acordo com os resultados obtidos, foi possível identificar que a raça importa mais do que a religião para a percepção de ameaças terroristas.

Os resultados mostraram que o público dava mais importância a ataques em que as vítimas poderiam ser brancas⁴, por se identificarem com a situação, fazendo com que ataques terroristas cometidos em Paris tivessem mais relevância do que ataques terroristas cometidos em Zâmbia, um país de maioria não branca.

De acordo com os autores (Avdan & Webb, 2019), os resultados mostraram claramente que a raça importa, seja daquele que comete o ato, ou daquele que o sofre. O fato de caracterizar ataques como os que ocorreram em Paris e Bruxelas como *“únicos”* acaba por tornar *“normais”* ataques que ocorrem em outros lugares do mundo.

Isto também deixa claro a relação disso com as questões de imigração e os protestos contra a recepção de imigrantes, uma vez que o medo de ataques terroristas está ligado a imagens de estrangeiros não-brancos.

Western countries refuse to accept refugees from war-torn societies because of the small risk that refugees will commit acts of terrorism. This process of normalization creates zones of indifference - domestically and internationally - that perpetuate poverty, violence and suffering (Avdan & Webb, 2019, p. 99).

Ao estudarmos os casos em questão e os relacionarmos com os resultados de Avdan e Webb (2019), visualizamos de forma clara que a mídia enfatiza notícias caracterizadas como *“terroristas”* quando cometidas por indivíduos não-brancos, que em sua maioria têm motivações religiosas associadas e que têm como vítimas pessoas brancas.

⁴ De acordo com a amostragem do experimento, o qual teve o total de 312 participantes, 245 se identificaram como brancos.

Apresentando essa “fórmula básica” do terrorismo, a mídia cria um padrão, e a apresentação contínua desse padrão cria na sociedade um padrão quanto à imagem do terrorismo. Avdan e Webb (2019) confirmam tal hipótese com os resultados de seus experimentos, ao comprovarem que a raça importa na percepção de ameaças terroristas. Desde que as vítimas façam parte do “*in-group*” e o responsável pelo ato estiver no “*out-group*” esse ato será identificado como um ato terrorista.

Se, no entanto, o terrorista pertencer ao “*in-group*”, e as vítimas no “*out-group*”, as chances deste ato ser noticiado como “ataque em massa” será bem maior. Isso tudo se deve pelo fator de identificação e proximidade entre aquele que é o público (que inclui o próprio jornalista) e aqueles envolvidos no fato, responsável e vítimas dos ataques.

O fator de proximidade e identificação individual, contudo, não é algo que nasce em cada pessoa. Como foi dito anteriormente, as características e fatores de proximidade entre indivíduos são construídas a partir de experiências pessoais que moldam a personalidade e a individualidade de cada um.

Não só a raça faz com que uma pessoa crie um sentimento de pertencimento, mas fatores como gostos pessoais influenciam diretamente na formação do “*in-group*” e “*out-group*” de cada pessoa. É possível que sejamos suscetíveis a desgostar de uma pessoa que faz comentários ruins da nossa cidade natal, por exemplo, em detrimento daquela que apenas faz bons comentários. Este fator de separação entre aquele que faz comentários ruins e bons é um mero exemplo de como criamos socialmente os grupos.

Essas experiências e o próprio ambiente que vivemos acabam por moldar nossas opiniões, percepções e nossos atos, fazendo com que o construtivismo social esteja sempre presente na nossa realidade diária. A SIT reforça o fato de que os conceitos são socialmente construídos, e que com isso tenhamos percepções diferente sobre fatores e indivíduos os quais sentimos próximos e distantes.

A influência da mídia acaba por ser um fator decisivo, uma vez que a constante exposição acaba por influenciar decisões e atitudes (assim como posicionamentos). Logo, a constante exposição e afirmação daquilo que foi denominamos como a fórmula

básica do terrorismo acaba por afirmar um padrão perante a sociedade, em detrimento de outros atos terroristas que são considerados irrelevantes, ou pior, normais.

Ou seja, a percepção do que seria ou não um ataque terrorista está diretamente ligado à construção social do indivíduo do que seria um ato terrorista. O terrorismo, seria então, em sua própria essência, uma construção social, um conceito que é moldado de acordo com as influências e fatores externos que estão ligados à rotina de cada indivíduo.

O caso da Nova Zelândia, assim como o Massacre de Orlando, são claros exemplos de atentados terroristas que não foram noticiados como tal, pelo simples fato de fugirem a regra padrão do terrorismo, fazendo com que os leitores das notícias, o público, mantenha a concepção de que não se tratava de um ataque terrorista.

A percepção que delimita e enfatiza a raça e os motivos por trás dos atentados como forma de validar um ato terrorista nada mais é do que uma discriminação disfarçada em forma de notícia jornalística.

Esta persuasão disfarçada tem raízes nas discriminações étnicas e religiosas, influenciadas pelos poucos fatores que acabaram por serem consideradas características marcantes e erroneamente atribuídas de forma geral a um grupo, como a ideia de que todos os muçulmanos são terroristas.

2.2 Movimentos Sociais, Grupos Terroristas e o Confronto Político

Conforme visto, a ausência de uma identidade faz com que o indivíduo busque meios e formas de “pertencer” à sociedade que faz parte, ou então busca uma que o aceite. Por esta razão, a captação por grupos *jihadistas* de pessoas que sofrem com a crise de identidade acaba ganhando forças.

Tornar-se um *jihadista* acaba sendo uma resposta a tudo aquilo que está faltando na vida no indivíduo, pois o *jihadismo* oferece uma identidade, fazendo com que suas atividades agreguem valor que antes não existia perante a sociedade ocidental àquele indivíduo (Larsen & Jansen, 2019, p. 426).

Com isso, visualizamos duas situações possíveis criadas pela ausência de uma identidade social e de pertencimento a um grupo social. A primeira, é a aceitação da taxatividade e preconceito imposta pela sociedade, que fazem com que o indivíduo comece a aceitar os ideais radicais e que acaba levando-o ao caminho de apoio de grupos e ações radicais, fazendo com que um futuro neste meio seja viável.

A segunda situação seria o oposto. Seria negar o preconceito e a discriminação imposta a si e lutar por um lugar em meio a uma sociedade que o nega através de movimentos e ações organizadas em conjunto com outras pessoas que ou sofrem o mesmo ou simpatizam e entendem a necessidade de mudança na sociedade através dos movimentos sociais.

Apesar de soarem antagônicos, os movimentos sociais e os grupos terroristas detêm muitas características comuns, portanto ambos podem de fato ser analisados de acordo com as teorias dos movimentos sociais. Para que isso aconteça, é necessário que seja abordado o que de fato são os movimentos sociais e quais propriedades básicas estão diretamente ligadas ao conceito de movimento social. Posteriormente, trataremos como os movimentos sociais e os grupos terroristas acabam pondo em prática o chamado confronto político.

2.3 Movimentos Sociais e grupos Terroristas

Os movimentos sociais podem ser definidos como uma série de desafios coletivos, baseados em propósitos comuns e solidariedade social, que é sustentada por interações contínuas com a elite, autoridades e oponentes. Desta definição, tiramos as propriedades básicas e inerentes a todos os movimentos sociais que veremos ao longo deste tópico. São elas: desafios coletivos, propósito comum, solidariedade social (que, como veremos mais adiante, também enquadra a questão da formação de uma identidade), e interações contínuas (Tarrow, 2011, p. 9).

Tilly e Tarrow (Tilly & Tarrow, 2015, p. 145) complementam esta definição ao definirem movimentos sociais como uma campanha contínua de reivindicações,

utilizando de performances repetitivas para divulga-las, baseadas em organizações, *networks*, tradições e solidariedade que sustentam essas atividades.

Diversas são as atividades dos movimentos sociais. Nesse sentido, por meio deles, verdadeiras organizações são construídas, ideologias são elaboradas, além de que eles promoverem socialização e mobilização de cidadãos, tudo isso enquanto se dedicam ao seu próprio desenvolvimento, colaborando para a construção de uma identidade coletiva entre seus membros (Tarrow, 2011, p.8).

O que qualifica um movimento social como tal é justamente a prática de uma campanha sustentada em fazer reivindicações, utilizando performances repetidas que tem por objetivo divulgar a reivindicação, utilizando de organização, tradições e solidariedade para sustentar tais atividades. Os movimentos sociais têm como base, portanto, as ações de confronto coletivo. Tais ações podem tomar diversas formas, como por exemplo: protestos, revoltas, greves, rebeliões e revoluções. Ações de confronto coletivo ainda podem apresentar diversas características, como serem de curta ou longa duração, institucionalizadas ou disruptivas e até mesmo calmas ou dramáticas. Isto, no entanto, não está ligado a uma natureza violenta inerente aos movimentos sociais. Pelo contrário, muitas vezes, o extremismo e a violência se mostram como os únicos recursos disponíveis para cidadãos comuns demonstrarem suas reivindicações perante oponentes melhores equipados ou mais poderosos (Tarrow, 2011, pp. 7-8). Isto, no entanto, não quer dizer que os movimentos sociais vivem apenas em um constante estado de confronto.

Inclusive, Tarrow (2011, p. 8) ressalva que a maioria dos movimentos sociais tem um caráter apolítico, tendo como foco os seus membros e a sua própria jornada. No entanto, mesmo esses movimentos apolíticos podem eventualmente se ver em uma situação de confronto com autoridades, por exemplo, visto que são estes que determinam a lei e a ordem, o *status quo* da sociedade que tais movimentos se inserem. Esses conflitos se devem a oportunidades políticas que são e devem ser exploradas pelos líderes dos movimentos, que têm o papel de responder a ameaças, criar identidades coletivas, e, principalmente, mobilizar e unir as pessoas, membros ou não, contra os oponentes poderosos.

A maioria dessas ações acontecem rotineiramente dentro de instituições e são comumente realizadas por grupos já formados, que agem em nome de objetivos que dificilmente chamariam a atenção se não fosse pela intervenção e atuação destes grupos. Segundo Tarrow (2011, p. 8), essas ações podem transformar-se em confrontos quando utilizadas por pessoas que não tem acesso regular à instituições representativas, ou que estão agindo por reivindicações novas ou que já foram negadas, agindo de forma a desafiar terceiros ou autoridades.

Os desafios coletivos, ditos anteriormente como uma das propriedades básicas dos movimentos sociais, nada mais são do que formas diversas de ações coletivas. É uma característica inerente aos movimentos sociais a elaboração e preparação de desafios contenciosos através de ações disruptivas diretas contra elites, autoridades ou até mesmo outros grupos ou códigos culturais, que, por natureza, são públicos (Tarrow, 2011, p. 9).

Desta forma, daqui tiramos a primeira semelhança entre os grupos terroristas e os movimentos sociais ao entendermos que os desafios contenciosos geralmente são marcados pela interrupção, obstrução ou pela possibilidade de tornarem incertas as atividades realizadas por terceiros. No entanto, em locais onde a probabilidade de repressão a tais ações é alta, pode ocorrer destes tomarem outras formas, como por exemplo, a utilização de *slogans*, formas de se vestir, graffiti, uso de símbolos, entre outros, como uma forma de se identificar como integrante do movimento.

Segundo Tarrow (2011), estas formas de identificação com o movimento social também ocorrem em lugares onde a probabilidade de ocorrer repressão é baixa, como é esperado em Estados Democráticos de direito, que geralmente reprimem apenas atos de violência e depredação de patrimônio público ou privado, não tirando o direito das pessoas de fazerem greve ou protestarem, por exemplo. Em ambas as situações, os membros dos movimentos buscam formas de significar o seu propósito coletivo (2011, p. 10), algo que também visualizamos nos grupos terroristas, principalmente aqueles que decidem praticar o *jihadismo* e adotam uma identidade diferente daquela que utilizavam antes. Os homens, por exemplo, adotam o uso da barba grande, pois na

religião muçulmana ela é um símbolo tanto da religião quanto de masculinidade, uma vez que promove uma identidade e união entre os membros da religião ou movimento.

O autor ressalta que nem só de desafios contenciosos sobrevivem os movimentos sociais, apesar desta ser a sua característica mais marcante. Isto, novamente, não quer dizer que os movimentos sociais são essencialmente violentos, mas sim que lhes faltam muitas vezes recursos estáveis como dinheiro, organização e acesso ao Estado para realizar um diálogo. Tanto os líderes dos movimentos sociais como o movimento como um todo podem vir a praticar outros tipos de ações que não são desafios contenciosos, como o *lobbying* e a negociação com autoridades, por exemplo (Tarrow, 2011, p. 10).

Se a violência é usada como uma alternativa à falta de recursos, neste quesito os movimentos sociais se distanciam dos grupos terroristas, já que os últimos optam e utilizam amplamente a violência e a propagação do terror como uma forma de se impor perante a sociedade e contra aquilo que eles consideram como errado. Della Porta (2018, p. 3) inclusive relaciona o processo de radicalização como sendo geralmente o resultado de campanhas de protestos pacíficos, com a violência surgindo durante o confronto dos movimentos sociais com seus oponentes. Ademais, a autora ainda classifica que os constantes confrontos e conflitos com a polícia ou adversários políticos acabam elevando a radicalização, mesmo que de forma sutil, o que acaba justificando o uso de ações cada vez mais violentas (della Porta, 2018, p. 3).

No entanto, no que tange a questão organizacional, o terrorismo detém algumas características dos movimentos sociais, conforme demonstra Beck (2008, p. 1568):

Terrorism, even more than participatory collective action, is a high-cost enterprise. A terrorist group, if it seeks to be more than the singular actions of a lone wolf, needs resources and support to undertake sustained campaigns. For some terrorist tactics, like suicide bombing, the cost is even higher – the group requires a steady influx of participants who are willing to die for a cause. Thus, terrorist groups face organizational and resource dilemmas similar to social movements, if not even more acute. In fact, many terrorist groups seem to be structured like modern social movement

organizations – a highly professionalized core that directs and manages attacks, assembles resources, and provides overall leadership to a broader base of supporters.

Desta análise de Beck (2008), podemos identificar outra característica que é inerente tanto aos movimentos sociais como aos grupos terroristas, isto é, os propósitos comuns. Isso está relacionado à motivação individual de se juntar à uma causa, que, apesar de serem inúmeros os motivos que podemos aqui elencar, assim como ocorre com a radicalização, a essência dos motivos parece ser uma só: a organização de reivindicações comuns contra opositores, autoridades ou elites. O que une pessoas diferentes é ter um propósito comum, isso é, interesses e valores em consonância ou justapostos e que estão na base de suas ações. Ou seja, as pessoas não escolhem se arriscar e engajar em um confronto político por um motivo banal. É necessária uma motivação estável a ponto de fazer a pessoa perceber que vale a pena correr riscos e pagar os custos de participar em um confronto político (Tarrow, 2011, p. 11).

Podemos citar como exemplo os participantes de manifestações, que sabem que, caso haja um confronto com a polícia, podem ocorrer prisões e mesmo assim escolhem participar do ato, mesmo sabendo das possíveis consequências da escolha. O mesmo podemos aplicar aos participantes de grupos terroristas, que sabem que as suas ações geram consequências e mesmo assim seguem adiante com seus atos.

A respeito desta determinação e resolução dos membros de ambos os movimentos, podemos ligar com a criação de uma solidariedade social que culmina na criação de uma identidade comum aos seus membros. Essa solidariedade social é um dos elementos essenciais para o surgimento dos movimentos sociais, conforme aponta Tarrow (2011), sendo representada pelo reconhecimento por parte do participante do movimento social dos interesses em comum que são traduzidos no potencial de pôr em prática o movimento, de uma forma que ele seja posto em prática já em sua versão consolidada (p. 11).

Visualizar o movimento terrorista através da teoria dos movimentos sociais também corrobora com que o foi descrito acima sobre a semelhança em resoluções,

principalmente no que tange a criação de uma identidade coletiva, conforme dispõe Beck (2008, 1571):

However, a movement approach could stress terrorism as a method for creating and maintaining a collective identity. For instance, militant groups often make overt appeals to a broad identity to justify their actions and seek sympathy (e.g. al-Zawahiri's famous cry 'We are Muslims!' from an Egyptian prison cell in 1981). Such a claim is both an identity and political statement. Identity statements can be more than cultural expression in that they link potential supporters to a cause and implicitly suggest political goals. The old adage that one person's terrorist is another's freedom fighter may actually only be an observation of the effect of identity on contention; militant action perceived to be in defense of a reified social group is more legitimate. The commitment that identity politics spawn may help explain terrorism's persistence, even when outside observers view it as irrational or ineffective.

É por esta razão que Tarrow (2011, p.11) dispõe de forma bem clara e direta que a religião, o nacionalismo e afiliação étnica são as bases mais fortes na formação de um movimento social, mais fortes inclusive que a luta de classes, pois essas bases criam, de fato, uma identidade e uma solidariedade entre os membros.

A criação de uma identidade e uma solidariedade social entre os membros é algo muito presente nos grupos *jihadistas*, principalmente aqueles formados por indivíduos que representam a segunda ou terceira geração de imigrantes árabes que fazem parte de uma sociedade ocidental, que sentem a ausência de uma identidade social e acabam se voltando à religião em busca de um meio para pertencerem a algum grupo ou como resposta pelas repressões que sofreram. Essas pessoas se unem tendo como motivação a religião muçulmana e usam as experiências com a marginalização como motivações para se voltar contra o Ocidente.

Essa identidade promovida pela religião muçulmana também faz com que haja uma identificação não só com o grupo local praticantes da religião, mas como uma "nação" de muçulmanos através da *umma*, ou *neo-umma*, como dispõe Khosrokhavar (2021, p. XIX). Esse conceito representa a sociedade global imaginária que abarca todos os muçulmanos, uma construção que foi possível, de acordo com Dalgaard-Nielsen

(2010, p. 800), pelo enfraquecimento territorial tradicional que limitava identidades e comunidades.

A *neo-ummah* contrasta com a sociedade europeia, que é vista como fria e solitária, na qual que homens e mulheres disputam o espaço e onde famílias são desfeitas. Em contrapartida, a sociedade global muçulmana é vívida e orgânica, com regras claras, um patriarcado firme e com os papéis do homem e da mulher bem delimitados (Khosrokhavar, 2021, p. XIX). Logo, quando os *jihadistas* invocam a *ummah* e a utilizam como motivação de seus atos, eles demonstram sua intenção de lutar por uma comunidade da qual eles mesmos fazem parte.

A *neo-ummah* é um conceito através do qual é possível criar uma solidariedade entre, por exemplo, os muçulmanos vivendo na Europa com aqueles que estão em áreas de conflito ao redor do mundo. É uma solidariedade baseada na propaganda difundida pelo Estado Islâmico, que, no intuito de atrair novos membros, ao divulgarem imagens de civis sofrendo, o grupo apela à solidariedade islâmica e às emoções individuais, para que isto seja um motivador para ir para estas áreas de conflito lutar em prol de uma comunidade que está sendo atacada (Khosrokhavar, 2021, p. XIX; Dalgaard-Nielsen 2010, p. 800).

Por fim, Tarrow (2011, p. 12) classifica como a última propriedade básica e intrínseca dos movimentos sociais a habilidade de sustentar as ações coletivas em prol de um objetivo comum. Isto é, episódios esporádicos de reuniões, rebeliões ou protestos, sem que haja propósito comuns, identidades coletivas e desafios identificáveis aplicados contra um antagonista comum, não configura um movimento social. Portanto, é de suma importância que os movimentos sociais consigam manter seus desafios para que não percam a forma e a identidade. Logo, o desafio dos movimentos sociais é conseguir manter vivo o confronto político.

O confronto político é inerente tanto aos movimentos sociais como aos grupos terroristas. Segundo Tarrow (2011, p. 6), o confronto político ocorre quando pessoas comuns se unem com pessoas mais influentes, com o objetivo de confrontar elites, autoridades ou oponentes, quando a mudança em oportunidades política e restrições

cria uma possibilidade de agir em nome de atores que não teriam força e recursos suficiente para fazê-lo sozinho.

Tilly e Tarrow (2015, p. 7) vão mais além ao dizerem que o confronto político envolve interações nas quais atores fazem reivindicações tendo em mente os interesses de outros atores, o que os leva a agir de forma coordenada em nome dos interesses mútuos, nos quais os governos fazem parte de alguma forma, seja como alvos, indicadores de reivindicações, ou terceiros envolvidos. Desta forma, o confronto político une três elementos: a ação coletiva, a política e o confronto.

É através de ações coletivas que os confrontos políticos tomam forma. Como visto anteriormente, não existe uma única forma de ação coletiva, o confronto político possui todo um repertório de ações coletivas à sua disposição. Esse repertório envolve tanto ações coletivas de caráter pacífico como aquelas de caráter violento e extremista, como as utilizadas pelos grupos terroristas.

As ações coletivas podem então ser entendidas como performances de confronto, representando formas padronizadas e familiarizadas em que atores políticos realizam reivindicações coletivas a respeito de um outro grupo de atores políticos (Tilly & Tarrow, 2015, p. 14). Padronizadas e familiarizadas são palavras importantes aqui, pois as pessoas não agem coletivamente por instinto. Pelo contrário, utilizam de conhecimento prévio para medir e programar suas ações.

Desta forma, as performances de confrontos que foram utilizadas anteriormente e tiveram um resultado positivo para quem as usou pode novamente ser aqui empregada. Cada performance compõe um repertório de confronto, que é intrínseco à sociedade que o confronto político está ocorrendo ou ao movimento social que o está utilizando (Tarrow, 2011, p. 29; Tilly & Tarrow, 2015, p. 15).

Analisando por esse viés, podemos concluir que os movimentos sociais são como um banco de dados de conhecimento a respeito de determinada sociedade, e tal conhecimento é repassado de forma social dentro do ambiente do movimento social (Tarrow, 2011, p. 269). Essa angariação de conhecimento a respeito da história e da rotina da sociedade ajudam a superar o déficit em recursos e comunicação.

Um exemplo claro disso é relativo aos trabalhadores, que sabem que utilizar a greve como uma performance de confronto funciona para reivindicarem direitos ou melhorias na sua condição de trabalho, e sabem disso porque gerações anteriores de trabalhadores fizeram greves e conseguiram ter suas reivindicações atendidas.

As performances conhecidas pelos atores acabam se tornando um repertório de performances. É a este repertório que os líderes dos movimentos sociais ou terroristas, por exemplo, recorrem para obter uma resposta das pessoas, seja para conseguir novos membros ou para obter apoio em favor de uma reivindicação (Tarrow, 2011, p. 29; Tilly & Tarrow, 2015, pp. 14-15).

Segundo Tilly e Tarrow (2015, p. 15):

Presentation of a petition, taking a hostage, or mounting a demonstration constitutes a performance that links at least two actors, a claimant, and an object of claims. Innovation occurs incessantly on the small scale, but effective claims depend on a recognizable relation to their setting, on relations between the parties, and on previous uses of the claim-making form

Portanto, podemos dizer que todas as formas de confronto são performances que podem variar desde a sua natureza, sendo elas pacíficas ou violentas, até no seu alcance, que pode ser local ou visado para atingir públicos maiores, como acontecem com os atentados terroristas.

No entanto, as performances nem sempre são aceitas, mesmo que estejam sendo realizadas de forma pacífica pelos atores. Conforme dito anteriormente, comumente em um Estado Democrático apenas encontram-se repressões às formas violentas de performances, como aquelas que atentam contra a vida de outros cidadãos ou que tem por objetivo depredar bens públicos ou privados.

Contudo, mesmo nos Estados Democráticos encontramos algumas formas de repressão que acabam sendo realizadas contra movimentos de cunho pacífico, e acabam desencadeando episódios de violência, como, por exemplo, acontecem com marchas e passeatas. De acordo com Tilly e Tarrow (2015, p. 15):

Presentation of a petition, taking a hostage, or mounting a demonstration constitutes a performance that links at least two actors, a claimant, and an object of claims. Innovation occurs incessantly on the small scale, but effective claims depend on a recognizable relation to their setting, on relations between the parties, and on previous uses of the claim-making form.

Um claro exemplo dessa reviravolta em um protesto que teve um início pacífico e tornou-se violento após a repressão exercida pela polícia foi o que ocorreu no dia 1º de junho de 2020, na cidade de Seattle, nos Estados Unidos. A marcha tinha como objetivo ser mais um dos eventos promovidos em prol do movimento “*Black Lives Matters*”, um movimento social que tem ganhado força naquele país e mundo afora e busca chamar atenção à violência policial excessiva contra pessoas pretas, em comparação com o tratamento que é dado a pessoas brancas.

A marcha tornou-se violenta em 60 segundos. Ao se depararem com os manifestantes, a polícia de Seattle respondeu de forma agressiva, utilizando gás lacrimogêneo, spray de pimenta e granadas de atordoamento, que resultou em um caos e tornou aquilo que havia iniciado de forma pacífica em violenta (Pozo, 2020).

Tilly e Tarrow definem repressão como uma resposta do Estado ou de seus agentes à desafios, com o objetivo claro de pôr um fim a tais desafios através de prisões, assédio moral ou pondo um fim às organizações como um todo. No entanto, existem outras formas de repressão que podem ser utilizadas pelo Estado e por seus agentes, que não envolvem o uso da violência, como vigilância, processos legais, e outras formas de assédio que evitam o uso da violência física (2015, p. 37).

Uma forma de evitar a repressão é buscar novas formas de exercer o confronto político. Deste modo, enquanto os novos métodos são postos em prática pelos manifestantes, o Estado e seus agentes ainda estão tentando descobrir formas de reprimi-los (Tarrow, 2011, p. 54).

É, no entanto, neste âmbito de repressão que della Porta visualiza diversas oportunidades de radicalização, dispondo que são estes embates entre os movimentos e o Estado, especialmente no que tange ao policiamento dos protestos, que acabam por influenciar o processo de radicalização. A radicalização se difunde, principalmente,

quando as atitudes do Estado são reconhecidas como respostas exageradas aos desafios (2018, p. 184).

A autora ainda dispõe que, em muitos casos históricos, experiências diárias de confrontos com a polícia gera uma imagem de um Estado injusto, que está disposto a usar a força bruta contra seus cidadãos. Quanto mais indiscriminada era percebida a atitude do Estado, maior era o apoio ou a tolerância de grupos que priorizavam o uso da violência (2018, p. 184). Esta, inclusive, é uma das situações que o estudo de caso do terceiro capítulo deste trabalho irá focar.

No que tange os grupos terroristas, Tilly (2004, p.15) classifica suas ações como ações coletivas violentas, mas especificamente como ações de destruição coordenada, que detém características de extrema violência e coordenação, ocorrendo quando uma pessoa ou organização especializada em meios coercitivos deliberadamente opta pela utilização de ações que têm por objetivo causar dano a outrem (Tarrow, 2011, p. 106).

De fato, o aumento do uso de ações violentas e das atividades terroristas na última década tem sido alvo de constante questionamento pelos estudiosos do fenômeno. Tarrow classifica que este aumento no número de ações terroristas está ligado ao surgimento e ao avanço de uma “sociedade de movimentos sociais”, que, entre outros detalhes, justifica o aumento do uso daquilo que antes era tido como uma forma não convencional de ação política, e que, o uso contínuo do uso de tais formas acaba por torná-las convencionais (2011, p. 117-118).

Apesar desse conceito, o aumento nas atividades terroristas já havia sido também analisado por Tilly e Tarrow ao estudo de confrontos políticos. De acordo com estes autores, o terrorismo é uma forma de confronto transnacional, ou seja, que rompe as barreiras geográficas e consegue dispersar-se pelo mundo através de mecanismos como a globalização e a *internet* (2015, p. 193).

É importante ressaltar que os grupos terroristas, como já dito anteriormente, não nascem como tal. Existem, de fato, uma série de confrontos políticos que culminam na formação de um grupo terrorista ou no fortalecimento de um já existente, como ocorreu com o Grupo Islâmico de Luta da Líbia, que, após uma série de confrontos políticos, tanto domésticos como internacionais, acabou por filiar-se à *al-Qaeda* e

fortalecer o que se tornaria uma das organizações terroristas mais violentas dos últimos anos (Tilly e Tarrow, 2015, pp. 194-195).

Com a globalização e o aumento no fluxo de interação entre diversos atores políticos ou não, o confronto transnacional é algo presente na realidade. No entanto, nem todos os resultados de um confronto transnacional são ruins. Vimos nos últimos anos um aumento de movimentos sociais que alcançaram o status global, é o caso dos movimentos ambientais e organizações internacionais que lutam por igualdade de direitos entre gêneros, por exemplo.

Claro que a transnacionalização culminou também na dispersão de ideais radicais e na difusão de propaganda antiocidentais, que deram força e ajudaram na criação de grupos terroristas, como o Estado Islâmico e a *al-Qaeda*, representantes do movimento transnacional Islâmico (Tilly e Tarrow, 2015, p. 201), os quais, conforme já analisado, possuem semelhanças com os movimentos sociais no que tange a criação de uma identidade solidária, a prática de confrontos políticos e a mobilização de recursos, resultando, no entanto, em ações coletivas violentas e na difusão do *jihadismo*.

Com a crescente preocupação das nações em tornarem-se alvo de ataques terroristas, começou-se a questionar e a se estudar os fatores que originam estes ataques, e com isso, o perfil dos autores. Esse estudo começou a ganhar importância ao se perceber que a maior parte dos ataques internos na Europa foram perpetrados por nacionais ou detentores de cidadania de países europeus, conforme dito anteriormente. Por esta razão, é importante que haja um maior escopo no estudo dos fenômenos radicais e no processo de radicalização, abarcando teorias que possam facilitar e descrever melhor a gênese de tais fenômenos.

Casos, principalmente de estudos a respeito de fatores como a criação ou a ausência de uma identidade contribuem para que um quadro seja elaborado. Como vimos, nem todos os fatores da radicalização estão ligados a situações de marginalização social e econômica. Pelo contrário, casos como o de *Jihadi John*, um violento *jihadista* associado ao grupo terrorista Estado Islâmico no Iraque e na Síria (mundialmente conhecido pelo acrônimo ISIS ou simplesmente Estado Islâmico), são mais recorrentes

do que aparentam, e por esta razão será alvo do estudo de caso que será tratado no capítulo seguinte.

.

3 Jihadi John

O mundo entrou em choque no dia 19 de agosto de 2014, quando assistiu uma cena de barbárie. James Foley, jornalista norte-americano de 40 anos, fora assassinado de forma cruel, crime que se tornou um dos vídeos mais brutais veiculados pela mídia até então.

Em 2012, o repórter estava atuando como correspondente jornalístico de veículos midiáticos como *GlobalPost* e a *AFP - Agence French-Presse* e era responsável por cobrir os conflitos no Oriente Médio (Ellis et al., n.d.). Ele e outro jornalista, John Cantlie, foram sequestrados na Síria, próximos à fronteira da Turquia.

Foley permaneceu em cativeiro por grupos terroristas até agosto de 2014⁵, quando o vídeo do seu assassinato foi divulgado pelo Estado Islâmico no Iraque e no Levante (mundialmente conhecido pelo acrônimo ISIS). Para a surpresa dos prisioneiros, seus carcereiros falavam com sotaque britânico.

Após diversas tentativas de negociação com os Estados Unidos pela vida de James Foley, e de até mesmo tentativas direta de negociação com a família do jornalista, em agosto de 2014, o vídeo intitulado “*A message to America*”⁶ surgiu e com ele a face e a natureza cruel do terrorismo ganhou repercussões globais.

No vídeo, vemos Foley entregar o discurso de que os seus verdadeiros assassinos eram os Estados Unidos, pois suas ações em operações militares e ataques contra o Estado Islâmico geraram tal retaliação por parte do grupo terrorista. Após seu discurso, o terrorista anuncia que o prisioneiro no vídeo era James Wright Foley, cidadão americano, e então começa a grotesca e cruel decapitação do refém. O vídeo corta e em seguida, vemos o cabeça decepada de James em cima de seu corpo sem vida.

Cenas como esta, são, infelizmente, comuns no campo terrorista. O medo é uma forma de mostrar ao ocidente que são os terroristas que detém o poder. Uma análise feita por Frank Gardner, o correspondente de segurança da BBC, demonstra que

⁵ Foley havia sido sequestrado pelo grupo terrorista Jabhat al-Nusra, que pertencia a uma facção da Al-Qaeda, que posteriormente o entregou ao ISIS.

⁶ Uma mensagem à America na tradução literal para o português.

além de usar o medo como arma, tais vídeos também têm por objetivo assustar os inimigos, elevar a moral do grupo ao demonstrar a impotência do ocidente em prevenir tais crimes e, assim, envergonhar os Estados Unidos, em uma tentativa de fazer com que eles parassem com toda a atividade militar no Iraque (Gardner, 2014).

Outro detalhe que ganhou importância em “*A message to America*” fora o *jihadista* presente no vídeo, executor do refém norte-americano. O mundo entrou em choque ao ouvi-lo entoar palavras de ódio e cometer atos tão repugnantes falando inglês britânico e com sotaque londrino (BBC, 2014b).

Seria possível que um cidadão inglês fosse responsável por tamanha atrocidade? O *jihadista* ganhou a alcunha de “*Jihadi John*” e se tornou uma das pessoas mais procuradas no planeta. Os serviços de inteligência e a mídia iniciaram cada um sua caçada para descobrir a verdadeira identidade do cruel executor, um homem que falava perfeitamente em inglês britânico e ainda assim detinha dentro de si um ódio capaz de decapitar outro ser humano sem piedade.

Meses se passaram, novos vídeos foram divulgados pelo Estado Islâmico com assassinatos a sangue frio e *Jihadi John* fora identificado em pelo menos seis destes vídeos. Finalmente, em fevereiro de 2015, com exclusividade, o *Washington Post* revelou o nome por trás da máscara (Brockell & Li, 2015).

Mohammed Emwazi, cidadão britânico, londrino, nascido no Kuwait. Esta era a identidade de *Jihadi John*. Este capítulo irá abordar como o jovem londrino encontrou na radicalização ao terrorismo o seu caminho, a forma como o fez, e principalmente, a abordagem da mídia em torno de Emwazi após a revelação de sua identidade.

Serão abordadas as principais experiências que, através do olhar sociológico, contribuíram para que ocorresse a sua radicalização e filiação ao grupo terrorista Estado Islâmico, como a sucessão de eventos que culminou para que o jovem londrino se tornasse uma dos homens mais procurados na Terra.

3.1. O homem por trás da máscara: Mohammed Emwazi

Mohammed Emwazi nascera no Kuwait, pertencendo a uma família de origens Bidune⁷ (Human Rights Watch/Middle East, 1995). Devido à sua origem, a família de Emwazi sofreu por perseguições políticas, perdeu de direitos de cidadãos e vivia sob o constante medo de represália por parte da população do Kuwait, que desconfiava que todos os Bidunes eram aliados ao Iraque, que na década de 90 invadira o Kuwait e iniciara a guerra do Golfo.

Em 1993, a família Emwazi imigrou para a Inglaterra em busca de condições de vida melhores e com o intuito de fugir da guerra no Kuwait (Collins D., 2015). A vida na Inglaterra iniciou com um novo desafio: a demora para que o governo inglês concedesse o *status* de refugiados. Somente após 3 anos o status foi garantido para a família (Verkaik, 2016).

Apesar da dificuldade inicial, a família se estabeleceu nos arredores de Londres, permitindo que Mohammed frequentasse escolas tradicionais e prestigiadas da cidade. Segundo Verkaik (2016, p. 22), relatos de colegas de colégio de Emwazi confirmam que o então jovem Mohammed não agia diferente de nenhuma criança de sua idade.

Apaixonado por futebol, sonhava em ter uma carreira na área, era torcedor fervoroso do *Manchester United* e adorava livros e programas infantis (BBC, 2014a). Antigos professores de Emwazi relatam que, apesar de ter sido vítima de *bullying* na escola, isto havia sido resolvido na época e que não levantara grandes preocupações para a escola (BBC, 2015).

Pelo contrário, os professores se lembram de Mohammed como um aluno “quieto, porém razoavelmente esforçado” (Verkaik, 2016, p. 15), que conseguiu ir para a universidade que sonhava, tendo, inclusive, se formado na Universidade de *Westminster*, em Londres, antes de se juntar ao grupo terrorista.

Este relato também é apoiado pelo irmão de Mohammed, Omar, que garante que seu irmão mais velho vivenciou uma infância comum, com uma criação boa. Era um garoto tímido que, na visão do irmão, era um garoto popular na escola (Verkaik, 2016).

⁷ Em árabe, significa “apátrida”, ou seja, aquele que não pertence a pátria nenhuma, sem nacionalidade. <https://www.hrw.org/reports/1995/Kuwait.htm>

De fato, chegamos à conclusão de que não foram os dias de escola que fizeram com que Emwazi se radicalizasse. Mohammed apenas representava uma adolescente normal tentando se encontrar no mundo e encontrar seu caminho.

3.2. O caminho da radicalização

O que fez com que Mohammed Emwazi escolhesse o caminho do terrorismo não foi um evento único. Fora, na verdade, uma coleção de eventos traumáticos que fizeram com que Emwazi não encontrasse outra solução a não ser a da radicalização. Analisaremos alguns eventos chaves que culminaram para a escolha da radicalização.

3.2.1. O Lei Anti-terrorismo de 2006

Antes de iniciarmos, vale a pena um enquadramento temporal do que precedeu os acontecimentos que serão tratados aqui. Em 07 de Julho de 2005, um atentado terrorista tomou conta de Londres, fazendo 56 vítimas fatais, contando com os autores das explosões, e ferindo mais de 950 pessoas.

No total, quatro bombas foram detonadas no centro da capital Inglesa em menos de uma hora, no horário de maior movimentação e utilização dos transportes públicos, que foram o alvo do ataque. Três trens do metrô e um autocarro de dois andares foram atingidos.

Os ataques aconteceram enquanto o Reino Unido sediava o encontro do G-8, que acontecia na Escócia, e um dia depois de Londres ter sido escolhida como sede dos Jogos Olímpicos de 2012. A cidade parou, teve os sistemas de transportes interrompidos e o acesso ao centro de Londres ficou limitado.

Um grupo de 4 homens britânicos, inspirados pela al-Qaeda, foram os autores da tragédia. Posteriormente, o grupo terrorista que pertenciam assumiu a autoria dos crimes (Campbell & Laville, 2005). Novamente, no dia 21 de Julho de 2007, poucos dias após o atentado do dia 07, uma nova tentativa de atentado terrorista foi posta em prática em Londres, dessa vez, sem sucesso (Oliver & Sturcke, 2005).

Após um atentado e uma tentativa de atentado, a Inglaterra entrou em alerta máximo e alterou suas leis referentes ao combate ao terrorismo. Com isso, o projeto que foi levado para apreciação por ambas as casas parlamentares inglesas ainda em 2005 gerou uma das mais problemáticas leis antiterrorismo, o “Terrorism Act 2006”.

As medidas implementadas com a nova lei foram controversas. Um dos dispositivos garantia que a polícia poderia deter um suspeito de ser terrorista por até 28 dias sem ter que apresentar acusações contra ele. Um aumento significativo dos prévios 14 dias que eram previstos anteriormente em lei (*The Terrorism Act 2006*, 2006).

A intenção inicial era que o suspeito pudesse ficar detido sem que fossem apresentadas denúncias por até 90 dias, e, inclusive, fora um dos elementos que o então Primeiro Ministro Tony Blair havia apresentado como sendo um dos “12 pontos” para a nova abordagem ao combate ao terrorismo, em 2005. No entanto, tal prazo fora considerado demasiado controverso e não conseguiu aprovação na Câmara dos Comuns, que votou para que os 14 dias fossem estendidos para 28 dias (Tempest, 2005).

Outro ponto controverso do dispositivo legal foi o artigo que determinou que encorajar terrorismo diretamente ou indiretamente, ou que encorajar outros a cometerem atos terroristas era agora um crime. Isso incluía o crime de “glorificar” o terrorismo, ou seja, pessoas que celebravam ou elogiavam o terrorismo e que, portanto, incentivavam outras pessoas a cometer os atos, de acordo com a Seção 1.1 do Capítulo *Encouragement of Terrorism*, no *Terrorism Act*.

A lei foi recebida, desde o seu rascunho, com muita desconfiança em torno da sua eficácia, uma vez que poderia acabar por criar um campo de recrutamento fértil para o extremismo, uma vez que as prisões são um dos locais de maior engajamento nesses movimentos.

Ademais, a conceito amplo de “glorificar” o terrorismo abria precedentes para que liberdades de expressões fossem desrespeitadas, já que o que um entende por um ato de apoio ao terrorismo pode não ser interpretado da mesma forma por outro. Foi assim que Doug Jewell, um ativista pelos direitos humanos e civis pertencente ao grupo inglês *Liberty*, classificou a lei. Conforme afirmou, segundo o dispositivo, qualquer

pessoa que se opusesse a um regime totalitário apoiando a violência cairia na definição imposta pela lei.

Um documento elaborado pelo Comitê de Direitos Humanos das Nações Unidas classificou as disposições que abrangem “encorajar o terrorismo” como ameaçadores à liberdade de expressão, interferindo com os direitos humanos.

Este foi o cenário onde os eventos que ocorreram com Mohammed Emwazi e seus diversos encontros com as autoridades se deram. Enquanto a Inglaterra abria novas possibilidades de combater o terrorismo com a *Terrorism Act*, uma nova gama de suspeitos era posta nas listas dos serviços de segurança, fazendo com que, cada vez mais, imigrantes, principalmente cidadãos ingleses de origem islâmica, fossem parados para revistas arbitrárias por parte da polícia ou de qualquer serviço de segurança doméstico.

3.2.2. Mohammed Emwazi - Em constante vigilância

Após o atentado de 7 de julho de 2005 e da tentativa de atentado em 21 de Julho do mesmo ano, diversos novos meios de repressão e combate ao terrorismo foram postos em prática pelo governo Inglês, entre eles figurava o controverso *Terrorism Act 2006*. Com isso, os serviços de inteligência e segurança ingleses, entre eles o MI5, polícia e *Scotland Yard*, iniciara uma política de baixa tolerância com pessoas muçulmanas, especialmente aqueles que pertenciam a listas de suspeitos das organizações ou que haviam entrado em contato com alguém que fazia parte.

Em 2007, Mohammed Emwazi estava diretamente ligado à Mohamed Sakr e a Bilal al-Berjawi. Emwazi fizera contato com Sakr através do irmão mais novo de Sakr, Mohab, que tinha a mesma idade de Emwazi e ambos estudavam no mesmo colégio.

Tanto Sakr quanto Berjawi eram pessoas de interesse dos serviços de inteligência e segurança britânicos e encabeçam listas de suspeitos de possíveis terroristas ou apoiadores do terrorismo. Sakr, inclusive, havia passado por um interrogatório que durou cerca de três horas ao retornar para Londres, durante uma viagem para a Arábia Saudita e Egito com amigos e respectivas esposas.

O histórico de viagens à África e à Arábia Saudita levantavam suspeitas de que elas , na verdade, teriam como objetivo, serem um treinamento para se tornarem terroristas, e com isso, levantavam suspeitas dos serviços de inteligência. Emwazi se encontraria em situação semelhante alguns anos depois.

3.2.2.1 A viagem frustrada à Tanzânia

Em 2009, recém graduado da faculdade, Emwazi, juntamente com dois amigos, planejaram uma viagem à *Dar es Salaam*, na Tanzânia, com o intuito de realizarem um safari para comemorar o fim da faculdade. Ao chegarem no Aeroporto de Heathrow, em Londres, Emwazi e seus amigos foram parados pelos serviços de segurança para serem interrogados pelo MI5, que, inclusive, questionou as roupas que os homens haviam escolhido para o suposto safari, alegando que poderiam ser utilizadas para treinamento militar (Verkaik, 2016, p. 17-18).

Foi então que iniciou uma conturbada viagem. Após serem liberados em Londres, o trio embarcou para a Holanda, de onde iriam embarcar no voo para *Dar es Salaam*. No entanto, após chegarem e desembarcarem no aeroporto na Tanzânia, os três homens foram parados novamente (Verkaik, 2016, p. 24).

As autoridades da Tanzânia não permitiram que o grupo entrasse no país. Um grupo de oficiais armados abordou o grupo no controle de passaporte e os deteve. Após serem algemados, o grupo foi transferido para um centro de detenção, onde ficaram 24 horas detidos em celas separadas, sem acesso à comida e nem água (Verkaik, 2016, p. 42).

Apesar das alegações de inocência, o trio foi ameaçado com uso de violência física para que eles confessassem que estavam indo à Tanzânia para receber treinamento jihadista. No dia seguinte, oficiais consulares do Reino Unido acompanharam o grupo ao avião para que fizessem a viagem de volta, pela mesma rota. Ao chegarem na Holanda, novamente foram parados e interrogados por agentes de segurança, tanto do MI5 quanto dos serviços de inteligência holandês (Verkaik, 2016, p. 42).

Os oficiais procederam ao interrogatório e acusaram Emwazi de viajar para a Tanzânia com intuito de tentar cruzar a fronteira para a Somália, a fim de ele e seus amigos se juntarem ao grupo terrorista *al-Shabaab*, grupo este que, na época, estava controlando a Somália.

Mohammed negou todas as acusações e alegou, primeiramente, que a Somália era muito distante da Tanzânia. Também complementou dizendo que não teria intenção nenhuma de participar de uma guerra civil, usando sua passagem de retorno como prova de suas alegações. Os oficiais de segurança informaram que o trio estava sendo seguido e que eles sabiam que a real intenção deles era ir para a Somália.

He knew everything about me; where I lived, what I did, the people I hanged around with. He also believed that I was lying and I wanted to go to Somalia. Then he made a face and said, "I am going out of the cell now and by the time I come back, I want you to think about what do you want to say to us." I said to him that before you go out you have to tell me that what you want from me. He said that he wanted the truth. I said, "Bloody hell! I just told you what was our plan and where were we going and you still think that I am lying. What do you want from us?" he pointed out his finger at me and said to me, "Don't try to play smart and lie on my face. Don't try to fool me. YOU WANTED TO GO TO SOMALIA." I said to him that I have just shown you my ticket for going to Tanzania (CAGE, 2005).

O grupo fora detido por longas horas para interrogatório, até que foram liberados para voltar de balsa à Inglaterra, no porto de Dover. Chegando em Dover, novamente os homens foram parados, desta vez por oficiais que se identificaram como pertencentes à Unidade Antiterror da polícia. O processo se repetiu, o grupo fora escoltado para interrogatório, tiveram seus pertences vistoriados e suas bagagens desarrumadas.

O interrogatório prosseguiu nos mesmos moldes do realizado na Holanda: foram feitas perguntas sobre o objetivo da viagem, questionaram as vestimentas que o trio levava, acusando-os de usarem vestes para treinamento militar. No entanto, em certo momento, o interrogatório foi expandido para questionamentos sobre sua crença

religiosa e opiniões políticas. Foram feitas perguntas para que os três dessem suas opiniões sobre os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque, e também sobre os bombardeios de 7 de Julho de 2005, em Londres.

Após retornarem e passado toda a experiência, Mohammed Emwazi procurou a CAGE, uma organização de defesa ativista não governamental cujo objetivo é buscar que o devido processo legal e a lei sejam implementadas de forma correta, sem que ocorram abusos por parte das autoridades com comunidades impactadas pela guerra ao terror, principalmente no que diz respeito às políticas criadas na luta contra o terrorismo por parte dos Estados⁸.

Foi através do contato com a CAGE que Emwazi começou a demonstrar suas primeiras indignações com os abusos que sofrera durante a viagem. Em certo momento, ele alegou:

Emwazi said he then requested the officer's badge number: 'I told him that when I go back to London and I will speak to my solicitors, then he would want to know who on earth was he. But he said that he could not show me his badge. I felt stuck. I did not know what to do. The door was shut and I just wanted to walk out of the room. How could I be treated like that? I am a British citizen and my government was threatening me and throwing allegations at me (Verkaik, 2016, p. 44).

Não só Emwazi fora afetado pelas investigações e suspeitas a seu respeito. Em 2009, antes de partir para o safari, Mohammed estava noivo de uma mulher londrina, de família Somali. Em algum momento durante os interrogatórios que ocorreram na Tanzânia, Holanda e em Dover, dois agentes do MI5 foram à casa de sua noiva e a questionaram juntamente com a sua família. As alegações feitas a respeito da conexão de Mohammed Emwazi com o terrorismo fizeram com que a família da noiva obrigasse que o noivado fosse desfeito (Verkaik, 2016, p. 48).

Then he told me that they went to my house and had spoken to my mother and father. I told him that he had no right to do that.

⁸ <https://www.cage.ngo/cage-about-us>

So he said that why had I not told my parents that I was going to Somalia? I said if I had told them about my holiday they would not have been very happy. They would have said stay and help us out but I wanted to enjoy myself. But I told him it was none of his business. He said that they have even spoken to a certain person; this was the person I was going to get married too. I said that how on earth had they known about her. They even said the sister's name. He said that all of this was a part of their job. I asked him was it his job to go through my phonebook and listen to my phone calls. This is the only way they could have known about her. I had not known them before or met them so how else would they know. When I suggested that he laughed, shrugged his shoulders and said that was his job. I was absolutely shocked that they had gone to see the sister and her family and had asked personal questions about me (CAGE, 2015)

3.2.2.2 Mudança para o Kuwait

Após seu retorno à Londres, Emwazi fora atualizado pela sua família dos acontecimentos e dos questionamentos que receberam quando foram visitados pelos oficiais de segurança. Seus pais sugeriram que o filho se mudasse para outro país, para fugir da perseguição que estava sofrendo por parte dos serviços de segurança ingleses (Verkaik, 2016, p. 49).

Encorajado por seus pais, Mohammed decidiu se mudar para o Kuwait, onde ainda tinha família e conhecidos que poderiam lhe apoiar na mudança. Dessa forma, em setembro de 2009, Emwazi se mudou para o Kuwait (Verkaik, 2016, p. 49).

Mohammed morou no país por aproximadamente 9 meses. Dentre este período, conseguiu um emprego em uma empresa de informática onde trabalhava como vendedor e programador e ficou noivo novamente, desta vez, de uma mulher natural do Kuwait.

Em entrevista para o jornal *The Guardian*, o antigo empregador de Emwazi, no Kuwait, alegou que ele foi o melhor trabalhador que já teve. A vida no país parecia não encontrar nenhum dos problemas que lhe eram recorrentes na Inglaterra. Mohammed era conhecido pela sua personalidade calma e era visto pelos colegas de trabalho como um homem que não costumava socializar com eles, e que, inclusive, gostava de passar

seu tempo livre durante a semana com sua família e ir ao deserto durante os finais-de-semana, local comum de recreação dos habitantes das redondezas (Verkaik, 2016, p. 50).

Apesar de ter conseguido sair da Inglaterra, não parecia que os serviços de inteligência britânicos estavam dispostos a esquecer de Emwazi. Em março de 2010, seu pai lhe telefonou para informá-lo que uma mulher estava na casa de sua família e queria falar com ele. Sem tempo de questionar de quem se tratava, o telefone foi passado para uma mulher inglesa, a qual se identificou como sendo do MI5 e posteriormente como pertencente à unidade Antiterrorismo. Mohammed fora questionado sobre o que fazia no Kuwait, quando retornaria, e que ela gostaria de falar com ele pessoalmente quando ele retornasse à Londres, o que Mohammed prontamente negou, pedindo para ser deixado em paz (CAGE, 2005).

3.2.2.3 Inglaterra – sem saída

No entanto, em 2010, Emwazi retornou para a Inglaterra alegando querer visitar a família antes do casamento e para tratar de documentos necessários para a mudança definitiva para o Kuwait. Novamente, Mohammed foi parado na sua chegada ao país, ainda no controle de passaportes (Verkaik, 2016, p. 51).

Após aguardar, dois oficiais apareceram e tornaram a interrogar Emwazi, desta vez sobre sua vida no Kuwait. Seu passaporte e seus *chips* telefônicos foram recolhidos e levados para inspeção, sendo prontamente foram devolvidos. O interrogatório aconteceu de forma rápida, na frente de outros passageiros que passavam pelo desembarque, pois os agentes alegaram se tratar apenas de uma inspeção rotineira de passaportes (CAGE, 2015).

Mohammed colaborou com o interrogatório e então foi liberado para entrar na Inglaterra. No entanto, seu maior desafio até então iria ocorrer no dia 2 de junho de 2010. Ao tentar regressar ao Kuwait, Emwazi fora abordado novamente por quatro agentes da polícia ao tentar realizar o check-in no aeroporto. Os policiais então levaram Mohammed para interrogatório e confiscaram seus pertences para que fossem

revistados. Quando questionados, os policiais alegaram que estavam agindo conforme os poderes conferidos à eles pelo *Terrorism Act* (Verkaik, 2016, p. 52).

Emwazi, que estava acompanhado de seu pai, fora informado que perderia o seu voo, mas que, no entanto, seria remanejado para o próximo voo, no mesmo dia. Com tal garantia, pediu para que seu pai retornasse para casa, e assim o mesmo o fez. Mohammed teve seus pertences revistados, suas digitais e seu DNA colhidos e fora fotografado. Começara então o novo incansável interrogatório sobre sua vida no Kuwait, suas crenças, quem eram seus amigos, atividades que realizava no país, entre outros assuntos. Em certo momento, Mohammed disse que tudo que queria era emigrar para o Kuwait, pois tinha um bom emprego e uma noiva à sua espera.

Emwazi fora então levado para outra sala, esta com câmeras de segurança, onde novamente fora questionado sobre sua tentativa de viagem à Tanzânia e se o real objetivo daquela viagem era ir à Somália.

Novamente, ele negou as acusações, disse que apenas se tratava de uma viagem de férias para comemorar a graduação na universidade com seus amigos, que não tinha intenções alguma de ir a um país que se encontrava em estado de guerra civil. Ao ser questionado de como sabia que a Somália estava em guerra, Mohammed respondera: *"I have a TV, and it has a channel called BBC WORLDNEWS"* (CAGE, 2015).

O oficial que o interrogava o transferira novamente de salas, desta vez para uma sem câmeras de seguranças internas como a anterior, pois alegara que seu interrogatório havia acabado e permitira que Emwazi utilizasse seu telefone celular para se comunicar com sua família, já que era tarde da noite e por conta da duração, Emwazi não conseguiu embarcar no voo seguinte para o Kuwait, como tinha sido garantido tanto para ele quanto para o seu pai (CAGE, 2015).

Enquanto tentava contato com seu pai, um novo agente entrou na sala e se identificou como pertencente à unidade antiterrorismo. Quando este novo agente entrou, o celular de Emwazi tocou, e ele prontamente o atendeu, para desgosto do agente. Ocorreu então um confronto acerca do uso do celular.

So when my phone rang I picked-it up like usual, but this new Asian officer who had just entered the room told me to give me

my phone, I said to him “NO!! I’m allowed to answer the phone” as the police officers have been letting me. “He said I don’t care, I’m not them”

So he just stood up reached to snatch the phone of me, but was unsuccessful. So he then grabbed onto my t-shirt and throw [sic] me onto the wall, garbing [sic] onto my beard and lasting strangling my by my neck. All this was happing [sic] to me while the officers sat down casually not stopping or doing anything. When the Asian officer realised I was having difficulty breathing, he finally let go of my neck. At this point I was absolutely shocked and completely baffled. I took a minute to myself because I didn’t know why he had done such a thing, so I asked him “WHY!!” he said “You had your phone out and it’s a threat towards me”

They quickly took me and my bags out of the room and locked the door, I told the officers “I want your names”, but they replied “we don’t give out our names” (CAGE, 2015)..

Mohammed foi para casa e voltou no dia seguinte, acompanhado de seu pai, e tentou novamente embarcar para o Kuwait. Uma nova tentativa novamente frustrada. Desta vez, no entanto, foi-lhe informado no ato do check-in que não seria possível realizar a viagem de retorno para o Kuwait, podendo, caso desejasse, viajar até Dubai, onde o voo faria um *stop-over*.

O visto para entrar no Kuwait lhe havia sido negado, portanto não seria possível que ele embarcasse no voo até o destino final. Emwazi então se viu sem alternativas a não ser ficar em Londres em busca de respostas e de uma forma para retornar à sua nova vida no Kuwait.

Mohammed tornou a entrar em contato com a CAGE, pedindo assistência com os problemas com os serviços de segurança e a restrição à sua entrada ao Kuwait. O diretor da CAGE apresentou Emwazi a um advogado, que sugeriu que fosse apresentada uma reclamação ao órgão da polícia responsável, o *Independent Police Complaints Comission*, o que prontamente fora acatado por pele (Verkaik, 2016, p. 54).

No entanto, em relação ao problema de entrada no país, nada corroborava com a alegação de Mohammed que o Reino Unido era responsável. Emwazi tentou obter respostas junto à Embaixada do Kuwait em Londres, sem êxito. Foi um contato com um amigo no Kuwait que fez com que as suspeitas ganhassem força. Segundo este (que não foi revelado como obter tais informações), o país fora obrigado a proibir a entrada de

Mohammed, pois o Reino Unido o incluiu em uma list de proibidos de voar (Verkaik, 2016, p. 54).

Nos e-mails seguintes enviados à CAGE, Emwazi se mostrou cada vez mais interessado nos problemas de perseguição à muçulmanos por parte das autoridades de segurança. Em um determinado e-mail, Mohammed diz que os muçulmanos haviam se tornado vítimas dos “opressores brancos” (CAGE, 2015).

Nos meses seguintes, inúmeras tentativas foram feitas tanto por Mohammed como por sua família e amigos, em Londres e no Kuwait, a fim de obter provas ou soluções para os seus problemas de viagem. Depois de meses sem progresso algum, Mohammed novamente recorreu à CAGE e a organização recomendou que ele tornasse público a perseguição realizada pelo Reino Unido contra ele, o que Emwazi concordou (CAGE, 2015).

A CAGE então o pôs em contato com o jornalista Robert Verkaik, autor do livro *Jihadi John*, que teve contato pessoal com Emwazi antes deste conseguir fugir para a Síria para se juntar ao grupo terrorista e ser mundialmente conhecido. Para o jornalista, Emwazi fora muito claro ao dizer que o MI5 havia destruído a sua vida no Reino Unido e que agora o impedia de começar uma nova vida no Kuwait (Verkaik, 2016, p. 58).

Foi através destes contatos, conversas e trocas de e-mails que Robert concluiu que Emwazi recorrera a ele em real desespero e tinha esperanças de ter novamente controle de sua vida caso conseguisse que os serviços de segurança se afastassem de vez (Verkaik, 2016, p. 61).

Em um de seus e-mails para Robert, Mohammed relatou uma situação que lhe ocorreu ao vender seu antigo *notebook* pela *internet*. Emwazi não havia divulgado seu primeiro nome ao comprador, porém, no ato da entrega do bem, a pessoa o chamou pelo primeiro, o que fez com que ele suspeitasse que se tratava de alguém infiltrado dos serviços de inteligência. Em seu e-mail, Mohammed relata que tinha intenções de acabar com a sua vida por não suportar mais a pressão e perseguição constante.

Five years later, I believe that I had too easily dismissed Emwazi's vulnerability and desperation. His fears that he was a watched man (if not a 'dead man walking') were accurate. His paranoia

derived from the reality of being targeted by people who assert utter control over your life (Verkaik, 2016, p. 61).

Sem conseguir uma solução, Emwazi apostava que o artigo jornalístico divulgando e denunciando toda a perseguição supostamente infundada por parte dos serviços de segurança seria sua única chance. No entanto, para que o artigo tivesse o destaque que desejavam, faltavam provas para corroborar com as alegações. Uma das provas seriam as denúncias feitas ao órgão da polícia contra a violência de um de seus agentes durante o último interrogatório no aeroporto de Heathrow.

No entanto, as denúncias não foram favoráveis a Emwazi, visto que não haviam câmeras de segurança no local onde a suposta agressão acontecera, fazendo com que o oficial denunciado fosse inocentado das acusações. Sem provas da acusação de agressão e sem testemunhas da perseguição além de seus familiares, visto que suas (agora) duas ex-noivas não quiseram testemunhar em seu favor contando como o MI5 entrou em contato com ambas com acusações de terrorismo à Emwazi, novamente Mohammed não sabia o que fazer (Verkaik, 2016, p. 62).

Em uma de suas últimas mensagens com a CAGE, em dezembro de 2010, Mohammed diz que seu pai havia passado três meses no Kuwait tentando conseguir provas de sua inocência e da perseguição do Reino Unido, no entanto, sem obter sucesso (CAGE, 2015).

3.3 Em busca de uma saída

No verão de 2011, apesar da constante vigilância por parte do MI5 e do SO15, Emwazi conseguiu viajar de carona no carro de um amigo e sair do Reino Unido. Este homem era Tarek Dergoul, um conhecido *jihadista* que havia sido detido pelos Estados Unidos por lutar no Afeganistão em favor do Talibã. Ele estava preso em Guantanamo, e fora deportado pelos EUA para o Reino Unido na condição de que o Reino Unido o mantivesse sob constante vigilância.

A saída do Reino Unido iniciou-se em Folkestone, no condado de Kent, no Reino Unido, quando ambos os homens embarcaram no Eurotúnel e atravessaram o canal da

Mancha em direção à Coquelle, em Pas-de-Calais, próximo à Calais, na França. Após a travessia, ambos cruzaram a França e a Espanha até chegarem em Portugal, onde fizeram contato com um suspeito de terrorismo.

O contato de Emwazi era um homem sírio que havia sido preso por Bashar al-Assad, mas que havia conseguido fugir da Síria um ano antes e buscou refúgio em Portugal, onde os serviços de segurança do país o estavam monitorando (Verkaik, 2016, pp. 64-65). Com a chegada dos ingleses, os agentes portugueses de segurança fizeram contato com o homem sírio, que se ofereceu para marcar um encontro entre os agentes e os ingleses, visto que a negativa poderia prejudicar sua situação em Portugal.

Assim, em um café em Lisboa, reuniram-se três agentes de segurança portugueses com o Sírio, nomeado Moammar Dokhan pelos veículos de notícia portugueses, Mohammed e Tarek (Pinto, 2016). Os ingleses explicaram que estavam fazendo uma viagem de carro e visitando amigos ao longo do caminho, não tendo interesse nenhum em extremismo violento, o que pareceu convencer as autoridades portuguesas, visto que depois de três horas de conversa, os agentes os deixaram (Verkaik, 2016, pp. 64-65).

Segundo apuração de veículos de notícias portugueses, Emwazi passou três dias em Lisboa, e tinha como objetivo obter financiamento para o movimento *jihadista* na Síria. As autoridades portuguesas, apesar de saberem da presença de Mohammed, descartaram a possibilidade de um atentado terrorista em solo português ou de recrutamento de radicais (Franco et al., 2016).

Existem suspeitas de que sua viagem à Portugal tinha como real objetivo ser um meio para chegar à Síria, seguindo pelo norte da África, e em seguida para o Médio Oriente. A realidade é que Mohammed, ao chegar na Síria em algum momento entre 2012 e 2013, fez contato com um grupo de *jihadistas* portugueses que haviam sido radicalizados em Londres, e eram conhecidos como “A célula de Leyton” (Verkaik, 2016, pp. 64-65).

Fora, inclusive, um dos *jihadistas* portugueses, Nero Saraiva, que postou em sua conta do *Twitter* uma mensagem que dava a entender qual seria o destino do jornalista norte-americano James Foley, em 2014, isso há 39 dias antes do vídeo da sua

execução ser divulgado pelo Estado Islâmico. Nero Saraiva tinha 28 anos, era português natural de Massamá e suspeito de ser próximo de um grupo liderado por *Jihadi John*, além de participar das filmagens e da disseminação de vídeos do Estado Islâmico onde o grupo terrorista tortura e assassina reféns (Franco & Moleiro, 2015).

Na verdade, este não era o primeiro contato de Emwazi com o mundo do terrorismo. Existem suspeitas de que enquanto Mohammed morou no Kuwait, ele tenha feito contato com Mushin al-Fadhili, líder de uma célula terrorista da Al-Qaeda ativa que estava operando contra interesses ocidentais, inclusive, planejando um ataque contra a principal base militar americana no país, o Campo Arifjan, que abrigava cerca de quinze mil soldados, entre eles, americanos e ingleses. Evidências apontam que Emwazi e Fadhili se conheciam e que o líder terrorista ajudara a amadurecer as ideias extremistas de Mohammed.

Após a viagem a Portugal, Emwazi retornou à Inglaterra, tornou a entrar em contato com a CAGE buscando soluções para seu problema de proibição de viajar, sem muito sucesso (Verkaik, 2016, p. 65). Sem prospecção de solução pelos meios burocráticos, Mohammed tentou uma nova formação, dessa vez uma que permitisse e facilitasse com que ele conseguisse sair do Reino Unido.

Ele, então, aplicou para o curso de professor de línguas estrangeiras e conseguiu um certificado CELTA⁹, com proficiência em língua Árabe e Inglês. Emwazi esperava que com o certificado em mãos conseguiria se mudar para o Oriente Médio, o que acabou por ser uma nova tentativa frustrada (Verkaik, 2016, p. 66).

Graduado e com notas excelentes recomendações, Mohammed conseguiu diversas entrevistas em diferentes escolas de inglês na Arábia Saudita, no entanto, enquanto outras pessoas que se formaram com ele conseguiam empregos, ele era rejeitado.

Seu irmão Omar conta de uma situação que ocorreu enquanto acompanhava Mohammed em uma entrevista remota. Omar relata que seu irmão havia recebido uma

⁹ CELTA significa “Certificate in Teaching English To Speakers of Other Languages”, que na tradução direta, significa “Certificado de Ensinar Inglês para Pessoas Falantes de Outros Idiomas”

oferta de emprego ainda na primeira entrevista, mas, que ao ter a segunda entrevista, a recrutadora retirou a oferta sem dar explicações (Verkaik, 2016, p. 66).

Ao ser questionada por Mohammed o porquê de sua rejeição repentina, a recrutadora não soube responder, disse primeiro que o motivo era a sua barba, que foi rebatido por Mohammed, pois seus colegas de curso que haviam conseguido emprego tinham barbas semelhantes, e ainda, notas mais baixas que as suas (Verkaik, 2016, p. 66). Por estes motivos, ele e seus familiares acreditavam que a rejeição do emprego se dava por mais uma interferência dos serviços de segurança ingleses.

Em uma última tentativa de sair do Reino Unido e voltar ao Kuwait, Mohammed Emwazi, com a aprovação e apoio de sua família, mudou seu nome legalmente para Mohammed al-Ayan em 2013. Com o novo nome e em posse de novos documentos, incluindo o passaporte, Mohammed novamente fez planos para viajar ao Kuwait, que novamente foram frustrados pelos serviços de segurança. Mohammed e seu pai foram parados no aeroporto de Heathrow, em Londres, e interrogados (Verkaik, 2016, p. 76).

Uma semana após a nova tentativa, Emwazi conseguiu escapar do Reino Unido. Isto, segundo os arquivos disponibilizados pelo CAGE. Ainda é incerto como Mohammed conseguiu sair. Existem suspeitas de que ele utilizou a rota do Eurotúnel como havia feito em 2011 para chegar a Portugal (Verkaik, 2016, p. 76).

Veículos de notícia dizem que Emwazi atravessou seis países até chegar em Raqqa, na Síria, e se juntar ao Estado islâmico (Hughes, 2016; NBC, 2015). A verdade é que esta parte da história de *Jihad John* não é clara, enquanto uns o acusam de ter conseguido sair usando o Eurotúnel, outros dizem que ele utilizou o porto de Dover para fugir (Verkaik, 2016, p. 76).

Na realidade, nem mesmo a época de sua fuga do Reino Unido ficou clara. Enquanto sua família diz que ele desaparecera em 2013, conhecidos relatam que ele havia fugido muito antes, ainda no verão de 2012. A única certeza é que houve falha na vigilância de Mohammed Emwazi por parte dos serviços de inteligência e segurança do reino Unido, o que permitiu com que ele se juntasse ao terrorismo na Síria.

3.4 Conclusão da análise

Apesar das constantes alegações de Mohammed de inocência e perseguição, o MI5 e o SO15 tinham cada vez mais certeza que ele era membro de uma rede de suporte de atividades terroristas no Reino Unido e na Somália.

MI5 surveillance teams were working round the clock to monitor the network, which had grown to more than twenty members since it was first identified as a terror threat in 2005. And it was no longer contained to the UK. The sudden reappearance in 2009 of Bilal al-Berjawi, Mohamed Sakr and other Britons among the ranks of al-Shabaab in Somalia meant the group had a direct link to the UK-based members, giving the network international reach and making Britain an obvious target for attacks against the West (Verkaik, 2016, p. 66).

Ataques em Kampala, durante a final da Copa do Mundo Fifa de futebol em 2010, na África do Sul, estavam ligadas a operações financiadas e apoiadas por Sair e Berjawi. Estes, antigos conhecidos de Mohammed de sua adolescência, agora ocupavam cargos no alto escalão da Al-Qaeda e do grupo *Al-Shabaab*. A ameaça que ambos representavam era tanta que, em setembro de 2010, a então Primeira-Ministra Theresa May enviou cartas às famílias de ambos, informando que a cidadania inglesa de Mohamed Sair e Bilal al-Berjawi havia sido revogada, o que fazia com que ambos pudessem ser alvos de medidas de combate ao terrorismo por parte dos Estados Unidos da América, que na época utilizava drones para atingir alvos na guerra ao terror, sem que isso causasse um incidente internacional entre as duas nações. Em 2012, ambos foram mortos em ataques por drones (Verkaik, 2016, p. 69).

A verdade é que a constante vigilância por parte do MI5, SO15 e MI6, entre outros serviços de inteligência de outros países não era sem razão, como Mohammed constantemente alegava. Podia, de fato, ter surgido apenas pela sua associação à Mohamed Sakr e Bilal al-Berjawi em sua adolescência em Londres, mas, com a pressão imposta pelos serviços de vigilância e constantes restrições tornou-se algo muito maior.

Somente em 2011, durante o julgamento de CE (nome não revelado pelos documentos da corte), que o MI5 apresentou evidências à Alta Corte Inglesa

comprovante que Emwazi não era apenas um membro periférico da célula terrorista que Berjawi comandava em Londres ou apenas um de seus conhecidos. A célula já adotava, inclusive, medidas avançadas de contra vigilância para poderem articular e ter reuniões sem que o MI5 fosse alertado (Verkaik, 2016, p. 68).

Em uma determinada situação, Emwazi utilizou o casamento de um conhecido para encobrir uma reunião em que discutira atividades extremistas com outros membros (Verkaik, 2016, p. 68).

O MI5, além de não ter conseguido impedir que Emwazi se tornasse *Jihad John*, acabou por fomentar ideias e contribuir para que ele trilhasse esse caminho. Mesmo que Mohammed estivesse ligado de fato à atividades terroristas, o MI5 e sua constante restrição à Mohammed - seja com as vigilâncias, interrupções na vida privada, impossibilitando com que ele se casasse duas vezes, interrupções na vida profissional, impedindo com que o mesmo arrumasse emprego - cabeou por ser um gatilho para que Emwazi se tornasse o carrasco do Estado Islâmico.

It is difficult to argue that none of them were interested in Islamist extremism or had had some contact with terror suspects. Yet at the time not one of these men had a criminal record and all appeared genuine in their wish to lead violence-free lives while living in the UK. There are hundreds, maybe thousands, more young Muslim men today wrestling with what they perceive to be contradictions between their religious and British identities. A tiny number may feel the need to join terrorist groups to resolve these issues, and they must be properly investigated by our security agencies. But the vast majority want openly to engage with the arguments without fear of harassment and intimidation (Verkaik, 2016, p. 72).

A história de Emwazi não é a única que encontramos o fato de que papel dos serviços de segurança acaba por se sobressair no caminho da radicalização destas pessoas. Existem inúmeros Emwazis pelo mundo que são constantemente intimidados e têm sua vida transformada da noite para o dia, acabando tão desesperados que encontram na radicalização terrorista a única saída.

Conclusão

O presente estudo teve por objetivo trazer à luz fatores que normalmente são determinados pela doutrina como fatores principais na radicalização violenta de indivíduos e buscou entender o porquê de pessoas decidirem trilhar o caminho da violência em detrimento de outras formas de reação aos desafios que lhes eram lançados.

No primeiro capítulo, busquei apresentar conceitos que iriam fundamentar este trabalho, principalmente a respeito de terrorismo, radicalização, *jiḥad*, *jiḥadismo* e *jiḥadista*, termos estes que foram de suma importância na concretização desta dissertação e que são cercados por incertezas, pois não há unanimidade a respeito do seu significado, principalmente quando tratamos de conceitos amplos e abrangentes como o terrorismo e a radicalização.

As barreiras impostas pela diversidade de análises nos mais diferentes campos acabam coibindo que novos estudos sejam realizados a fim de compreender melhor tais fenômenos. No entanto, conforme visto, faz-se necessário um estudo que acabe aumentando o escopo de pesquisa em detrimento daqueles que acabam por restringí-la.

A radicalização e o terrorismo, principalmente o difundido por grupos de radicais islâmicos, vem sido cada vez mais difundido na sociedade, conseguindo cada vez mais apoiadores e recursos. Sendo assim, o que faz com que indivíduos sejam atraídos pelos ideais radicais e comecem a difundir o terror e a violência contra outros cidadãos? Seriam os fatores sociais, principalmente aqueles que tangem a área socioeconômica os únicos responsáveis?

Conforme visto no capítulo um, existe, de fato, um nexo entre a cultura de rua e a cultura terrorista, que faz com que seja mais fácil que os membros da primeira acabem encontrando o caminho da radicalização e acabem sendo recrutados para o meio terrorista. O *New Crime-Terror Nexus* foi concebido exatamente para que o estudo entre as áreas que se tornaram convergentes pudesse ser analisado de forma mais minuciosa.

Deste capítulo, podemos concluir que, de fato, os fatores socioeconômicos acabam por criar uma marginalização que é, muitas vezes, difundida na sociedade através de preconceitos e costumes como, por exemplo, atribuir a imagem de criminosos a todos os habitantes de áreas periféricas da cidade, fazendo com que aqueles que, de fato, não participam de atividades criminosas vejam estas como a única forma de conseguir sua subsistência.

No capítulo dois, apresentamos a possibilidade da radicalização ocorrer por uma questão identitária ou até mesmo pela ausência de uma identidade. Visualizamos essa situação principalmente na radicalização de gerações mais jovens de famílias árabes que imigraram e que fazem parte de sociedade ocidental, principalmente nos países europeus.

A vivência em uma sociedade ocidental muitas vezes se mostra de forma hostil, principalmente aos muçulmanos que tiveram sua imagem atrelada à de radicais terroristas após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Esse preconceito é, por diversas vezes, difundido pela mídia, o que acaba criando uma percepção de que os muçulmanos são “inimigos”, quando, na verdade, acabam sendo tanto vítimas de atentados terroristas quanto as demais pessoas no mundo.

Esse preconceito e estereótipo da imagem muçulmana fazem com que se crie uma divisa, formada a partir da percepção de “nós” e “eles” que podemos compreender graças à utilização da *Social Identity Theory*, com a formação dos “*in-groups*” e “*out-groups*”. A construção social em torno de tais preceitos difere de pessoa para pessoa e das experiências individuais de cada um. O meu “*in-group*” pode ser diferente daquele que outra mulher de 29 anos, membro da sociedade portuguesa, tem. São essas percepções que contribuem na formação de uma identidade social e na criação de uma solidariedade social, que, conforme visto, é um elemento essencial na criação de um movimento social.

Ademais, a *Social Identity Theory* nos mostra como a mídia acaba contribuindo na formação dos “*in-groups*” e “*out-groups*” e como isso corrobora com a formação de um preconceito quanto à imagem de muçulmanos no ocidente. Os resultados dos estudos de Advan e Webb mostram que a mídia difunde um “padrão” de terrorismo,

que é aquele perpetrado por pessoas de origem árabe, enquanto que atentados causados por pessoas brancas são denominados como “tiroteios em massa” e “assassinatos”, até mesmo quando o próprio autor do ato demonstra sua intenção e se declara como um membro de um grupo terrorista, como aconteceu no caso da boate *Pulse*, em Orlando, Flórida.

Todas essas situações culminam na dificuldade que cerca a criação de uma identidade, principalmente a de muçulmanos que estão inseridos em sociedades ocidentais. O preconceito, a xenofobia e até mesmo a islãfobia fazem com que a identidade muçulmana perca valor perante as outras identidades ocidentais, causando, assim, uma ruptura dentro do indivíduo, que por vezes não é aceito na sociedade por possuir um fenótipo típico de uma pessoa muçulmana, mesmo que ela própria tenha negado os ensinamentos e a própria identidade islâmica em busca de aceitação em uma sociedade que não está disposta a aceitá-la.

Com isso, o indivíduo acaba entrando em uma jornada em busca de uma identidade social para si e um grupo para pertencer. É nesta situação que acaba acontecendo a aceitação de ideais extremistas e a conversão ao antes negado Islã. Após assumir essa identidade, o indivíduo começa a fazer uso de símbolos antes não exibidos, como acontece com homens que, após a conversão, decidem deixar a barba crescer, já que ter uma barba grande faz parte da imagem atrelada à virilidade e à masculinidade própria da religião.

Com o uso de símbolos e vestimentas acontece o mesmo. O indivíduo começa a criar uma identidade para si e uma identidade coletiva, pois agora pertence a um meio. Essa solidariedade coletiva também se enquadra na questão abordada pela *Social Identity Theory* e a formação dos grupos.

Outro ponto a ser analisado é que criação de uma identidade coletiva acaba também sendo um dos requisitos para a criação de um movimento social, e que, apesar de parecerem antagônicos, os movimentos sociais e os movimentos terroristas detêm várias características quando a sua formação e às ações coletivas que promovem.

Ambos os grupos atuam através de confrontos políticos, no entanto, enquanto que os movimentos sociais utilizam a violência de forma a compensar um déficit de

recursos e organização, os grupos terroristas utilizam a violência como principal forma de realizar o confronto político, através de diversas performances que tomam a forma de atos de ação coletiva de destruição coordenada.

Com isto, tendo relacionado a questão da identidade com o processo de radicalização, passamos a analisar o caso de *Jihadi John* no terceiro capítulo deste estudo. Esse estudo de caso se faz importante, pois demonstra que a radicalização está, de fato, associada a atos de repressão por parte das autoridades, que culminaram por aumentar o sentimento de não pertencimento à sociedade britânica, fazendo com que o Mohammed Emwazi buscasse retomar sua vida fora da Inglaterra, para que pudesse sentir que tinha de volta o controle que lhe fora tirado pelos serviços de segurança. A perseguição acabou por fomentar as ideias radicais, fazendo com que Emwazi buscasse no *jihad* e na religião uma forma de pertencer e fazer oposição à aquela sociedade que o havia reprimido.

O objetivo deste estudo era tentar compreender os motivos da radicalização e se tais motivos estavam estritamente ligados à fatores de marginalização socioeconômica. Deste modo, a resposta que obtivemos é que os fatores socioeconômicos influenciam a radicalização, mas não são exclusivamente as únicas razões para que este fenômeno aconteça.

Conforme visto, além dos motivos da radicalização serem individuais e complexos, existe a possibilidade da radicação ocorrer devido a uma necessidade individual de pertencimento e de identidade, que é negada pelas sociedades em que a imagem do árabe é difundida de forma atrelada a de um terrorista.

O preconceito inerente na sociedade, a falta de políticas públicas e a falta de integração entre as culturas diferentes que coexistem dentro da mesma sociedade, faz com que a sensação de marginalização não ocorra apenas por fatores econômicos. Elas estão atreladas a uma vivência repleta de atos de confronto, que muitas vezes acabam sendo políticos, que fazem com que uma identidade acaba seja supervalorizada em detrimento de outra.

De fato, coexistir acaba sendo uma forma de enxergarmos a sociedade através de uma visão utópica. Não é possível coexistir se não há esforços mínimos para que a

coexistência seja pacífica, integrando os indivíduos e membros da sociedade como um todo, ao invés de excluir uma parcela minoritária que acaba sofrendo com o preconceito daqueles que detém o poder.

É preciso também trabalhar para que os preconceitos e padrões impostos, principalmente pela mídia, sejam desfeitos. Acusar uma parcela étnica de ser responsável por atentados terroristas em detrimento de outras, principalmente quando visualizamos que estes padrões de fatos existem e são difundidos mesmo quando a situação se mostra contrária.

Esperamos que este estudo colabore para fomentar ainda mais a discussão em torno do fenômeno da radicalização e do terrorismo, principalmente chamando atenção para a necessidade que existe dentro do meio acadêmico de haver uma colaboração entre as áreas que os estudam. Como foi mostrado, a falta de unanimidade e de colaboração entre os campos de estudo acaba limitando o conhecimento e focando apenas para uma área específica.

Com o conhecimento limitado e separado, temos cada vez mais dificuldade em entender e buscar alternativas para fenômenos tão complexos e que estão cada vez mais presentes na nossa realidade, e o pior, fazendo cada vez mais vítimas e difundindo uma ideologia de terror sem limites e sem respeito pelo valor da vida humana.

Referências Bibliográficas

- Angelique, C. (2015, January 12). 'Charlie Hebdo attackers: Born, raised and radicalised in Paris',. *The Guardian*.
- Austin, W. G., Worchel, S., Tajfel, H., & Turner, J. C. (Eds.). (1986). The social identity theory of intergroup behaviour (pp. 7–24). In *Psychology of intergroup relations* (2nd ed, pp. 7–24). Nelson-Hall Publishers.
- Avdan, N., & Webb, C. (2019). Not in My Back Yard: Public Perceptions and Terrorism. *Political Research Quarterly*, 72(1), 90–103.
<https://doi.org/10.1177/1065912918776118>
- Basra, R., & Neumann, P. (2016). Criminal Pasts, Terrorist Futures: European Jihadists and the New Crime-Terror Nexus. *Perspectives o Terrorism*, 10(6), 25–40.
- BBC. (2014a, March 1). Mohammed Emwazi was a loner, IS defector says. *BBC News*.
<https://www.bbc.com/news/av/uk-31688700>
- BBC. (2014b, August 20). Foley beheading video shocks the world, Obama says. *BBC News*. <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-28867627>
- BBC. (2015, February 27). *Jihadi John' had anger management therapy, says teacher*.
<https://www.bbc.com/news/av/uk-31669623>
- BBC. (2019, March 15). Christchurch shootings: 49 dead in New Zealand mosque attacks. *BBC News*. <https://www.bbc.com/news/world-asia-47578798>
- Beck, C. J. (2008). The Contribution of Social Movement Theory to Understanding Terrorism: Social Movement Theory and Terrorism. *Sociology Compass*, 2(5), 1565–1581. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2008.00148.x>

- Body-Gendrot, S. (2010). Police marginality, racial logics and discrimination in the *banlieues* of France. *Ethnic and Racial Studies*, 33(4), 656–674.
<https://doi.org/10.1080/01419870903348646>
- Bourdieu, P. (1986). The Forms of Capital. In *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (pp. 241–258). Greenwood.
<https://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/fr/bourdieu-forms-capital.htm>
- Brockell, G., & Li, A. (2015, February 25). How the Post indentified “Jihad John.” *The Washington Post*. https://www.washingtonpost.com/video/world/how-the-post-identified-jihadi-john/2015/02/26/ca8d4328-bded-11e4-9dfb-03366e719af8_video.html
- Buijs, F., Demant, F., & Hamdy, A. (2006). *Strijders van eigen bodem: Radicale en democratische moslims in Nederland*. Amsterdam University Press.
- CAGE. (2005, February 26). ‘You’re going to be followed...life will be harder for you’: *The story of Mohammed Emwazi*.
- CAGE. (2015, February 28). A ‘The Emwazi Emails: CAGE Releases its Correspondences with Emwazi in Full. <http://www.CAGEuk.org/article/emwazi-emails-CAGE-releases-its-correspondences-emwazi-full>
- Campbell, D., & Laville, S. (2005, July 13). British suicide bombers carried out London attacks, say police. *The Guardian*.
<https://www.theguardian.com/uk/2005/jul/13/july7.uksecurity6>

Collins, D. (2015, February 28). Inside Jihadi John's birthplace in Kuwait: The grim town that bred a monster. *Mirror*. <https://www.mirror.co.uk/news/uk-news/inside-jihadi-johns-birthplace-kuwait-5251430>

The Terrorism Act 2006, (2006) (testimony of Crime Reduction and Community Safety Group (CRCSG) - Counter Terrorism and Intelligence Terrorism and Protection Unit & U. K. Government). <https://www.gov.uk/government/publications/the-terrorism-act-2006>

Dalgaard-Nielsen, A. (2010). Violent Radicalization in Europe: What We Know and What We Do Not Know. *Studies in Conflict & Terrorism*, 33(9), 797–814. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2010.501423>

della Porta, D. (2018). Radicalization: A Relational Perspective. *Annual Review of Political Science*, 21(1), 461–474. <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-042716-102314>

Department of Homeland Security Science and Technology Directorate. (2006). *Radicalization: An overview and annotated bibliography of open-source literature* (Final Report No. RP06-53–01). Homeland Security Institute. https://www.researchgate.net/publication/235121315_Radicalization_An_Overview_and_Annotated_Bibliography_of_Open-Source_Literature

Ellis, R., Fantz, A., karimi, F., & C, E. (2016, June 13). *Orlando shooting: 49 killed, shooter pledged ISIS allegiance*. <https://edition.cnn.com/2016/06/12/us/orlando-nightclub-shooting/index.html>

Ellis, R., Fantz, A., McLaughlin, & Hume, T. (2016, June 14). Orlando shooting: What motivated a killer? *CNN*.

Firestone, F. (2013). Jihadism” as a new religious movement, in: Hammer, O. and Rothstein, M. (Eds.) *The Cambridge Companion to New Religious Movements: Cambridge Press*, 263–285.

Franco, H., Gustavo, R., & Monleiro, R. (2016, January 24). Jihadi John esteve em Lisboa. *Expresso*. <https://expresso.pt/internacional/2016-01-24-Jihadi-John-esteve-em-Lisboa>

Franco, H., & Moleiro, R. (2015, February 26). Os caminhos cruzados entre Jihadi John e os jiadistas portugueses. *Expresso*. <https://leitor.expresso.pt/diario/26-02-2015/html/caderno-1/temas-principais/os-caminhos-cruzados-entre-jihadi-john-e-os-jiadistas-portugueses>

G1. (2016, June 12). Atirador abre fogo em boate gay em Orlando e deixa mortos e feridos. *G1*. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/atirador-abre-fogo-dentro-de-boate-e-deixa-feridos-nos-eua.html>

G1. (2019, March 14). Ataques a duas mesquitas deixam 50 mortos na Nova Zelândia. (. *G1*. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/14/policia-e-acionada-apos-relatos-de-tiros-em-mesquita-na-nova-zelandia.ghtml>

Hughes, C. (2016, April 28). Jihadi John dodged intelligence services in SIX countries after fleeing UK for Syria. *Mirror*.

Human Rights Watch/Middle East (Ed.). (1995). *The bedoons of Kuwait: “citizens without citizenship.”* Human Rights Watch.

- Ilan, J. (2013). Street social capital in the liquid city. *Ethnography*, 14(1), 3–24.
<https://doi.org/10.1177/1466138112440983>
- Ilan, J., & Sandberg, S. (2019). How ‘gangsters’ become jihadists: Bourdieu, criminology and the crime–terrorism nexus. *European Journal of Criminology*, 16(3), 278–294. <https://doi.org/10.1177/1477370819828936>
- Jensen, S. Q., & Larsen, J. F. (2021). Sociological perspectives on Islamist radicalization – bridging the micro/macro gap. *European Journal of Criminology*, 18(3), 426–443. <https://doi.org/10.1177/1477370819851356>
- Khosrokhavar, F. (2021). *Jihadism in Europe: European Youth and the New Caliphate* (1st ed.). Oxford University Press.
<https://doi.org/10.1093/oso/9780197564967.001.0001>
- Kimmel, M. S. (2018). *Healing from hate: How young men get into-and out of-violent extremism*. University of California Press.
- Krishnamurthy, S. (1984). Grant Wardlaw Political Terrorism: Theory, Tactics and Countermeasures, (Cambridge University Press, 1982, pp. xii, 218). *Political Science*, 36(1), 88–89. <https://doi.org/10.1177/003231878403600111>
- Larsen, J. F., & Jensen, S. Q. (2019). Jihadism from a Subcultural Perspective. *Critical Criminology*, 27(3), 421–436. <https://doi.org/10.1007/s10612-019-09470-8>
- Linville, P. W., Fischer, G. W., & Salovey, P. (1989). Perceived distributions of the characteristics of in-group and out-group members: Empirical evidence and a computer simulation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(2), 165–188. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.2.165>

- Lopes, D. (2019, March 15). *Nova Zelândia. Suspeito dos ataques às mesquitas acusado de homicídio*. <https://observador.pt/2019/03/15/ataque-a-2-mesquitas-na-nova-zelandia-causa-varios-mortos/>
- Lyons, K. (2016, June 12). Orlando Pulse club attack: Gunman identified as police investigate motive. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/us-news/2016/jun/12/orlando-shooting-nightclub-pulse-gunman>
- Markovics, M. M. (2011). THE IMPORTANCE OF DEFINING CONCEPTS RELATED TO RELIGIOUSEXTREMISM AND ITS CONSEQUENCES FOR STATE SECURITY. In *The importance of defining concepts related to religious extremism and its consequences for state security: New Approaches to State Security Assurance*, (Vol. 1). FACULTY OF MILITARY LEADERSHIP UNIVERSITY OF DEFENCE IN BRNO,. https://www.academia.edu/45355692/The_importance_of_defining_concepts_related_to_religious_extremism_and_its_consequences_for_state_security
- Mauger, G. (2016). “Jovens de regiões desfavorecidas”: Delinquência, conflito e radicalização islamita. *Tempo Social*, 28(2), 39. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.110569>
- Mercy Corps. (2015). *Youth & Consequences: Unemployment, Injustice and Violence*. Mercy Corps. https://www.mercycorps.org/sites/default/files/2020-01/MercyCorps_YouthConsequencesReport_2015.pdf
- Murray, G. (2006). France: The riots and the Republic. *Race & Class*, 47(4), 26–45. <https://doi.org/10.1177/0306396806063856>

- NBC. (2015, March 4). Jihadi' John' Suspect Mohammed Emwazi Escaped Britain in Truck: Sources. *NBC*. <https://www.nbcnews.com/storyline/isis-terror/jihadi-john-suspect-mohammed-emwazi-escaped-britain-truck-n317616>
- Oliver, M., & Sturcke, J. (2005, July 21). Panic as London is hit again. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/uk/2005/jul/21/july7.uksecurity2>
- Pinto, N. T. (2016, May 20). Os dias de Jihadi John em Lisboa. *Sábado*. <https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/os-dias-de-jihadi-john-em-lisboa>
- Pozo, B. D. (2020, June 26). Watch this Protest turn from peaceful to violent in 60 seconds. *The New York Times*.
- Regan, H. (2019, March 15). 49 killed in mass shooting at two mosques in Christchurch, New Zealand. *CNN*. <https://edition.cnn.com/2019/03/14/asia/christchurch-mosque-shooting-intl/index.html>
- Richards, J. (2017). *Extremism, radicalization and security*. Springer Berlin Heidelberg.
- Sandberg, S. (2008). Street capital: Ethnicity and violence on the streets of Oslo. *Theoretical Criminology*, 12(2), 153–171. <https://doi.org/10.1177/1362480608089238>
- SAPO. (2019, March 15). Pelo menos 49 pessoas morreram em ataque a mesquitas na Nova Zelândia. *SAPO*. <https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/tiros-disparados-em-mesquita-na-nova-zelandia-ha-relatos-de-varias-vitimas-mortais>
- Schmid, A. (2013). Radicalisation, De-Radicalisation, Counter-Radicalisation: A Conceptual Discussion and Literature Review. *Terrorism and Counter-Terrorism Studies*. <https://doi.org/10.19165/2013.1.02>

- Schmid, A. P. (Ed.). (2013). *The Routledge handbook of terrorism research* (First published in paperback). Routledge, Taylor & Francis Group.
- Schmid, A. P., & Jongman, A. J. (2005). *Political terrorism: A new guide to actors, authors, concepts, data bases, theories, & literature* (Rev., expanded, and updated ed). Transaction Publishers.
- Sedgwick, M. (2015). Jihadism, Narrow and Wide. *The Dangers of Loose Use of an Important Term*, 34–41.

<http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/417/827>
- Tarrow, S. G. (2011). *Power in movement: Social movements and contentious politics* (Rev. & updated 3rd ed). Cambridge University Press.
- Tempest, M. (2005, November 9). Blair defeated on terror bill. *The Guardian*.

<https://www.theguardian.com/politics/2005/nov/09/uksecurity.terrorism>
- The Guardian. (2005, November 8). *Learning from each other*.

<https://www.theguardian.com/world/2005/nov/08/france.mainsection1>
- The New York Times. (2016, June 16). *Orlando Gunman Attacks Gay Nightclub, Leaving 50 Dead. (2016). Retrieved from*.

<https://www.nytimes.com/2016/06/13/us/orlando-nightclub-shooting.html>
- The New York Times. (2019, March 16). *More Than a Dozen Victims in Critical Condition After New Zealand Shootings*.

<https://www.nytimes.com/2019/03/16/world/asia/new-zealand-shooting.html?searchResultPosition=4>
- Tilly, C., & Tarrow, S. G. (2015). *Contentious politics* (Second revised edition). Oxford University Press.

Veldhuis, T., & Staun, J. (2009a). *Islamist radicalisation: A root cause model*.

Netherlands Institute of International Relations Clingendael.

Veldhuis, T., & Staun, J. (2009b). *Islamist Radicalisation: A root Cause Model*.

Netherlands Institute of International relations Clingendael.

Verkaik, R. (2016). *Jihadi John*. Oneworld.

Walklate, S., & Mythen, G. (2016). Fractured Lives, Splintered Knowledge: Making

Criminological Sense of the January, 2015 Terrorist Attacks in Paris. *Critical*

Criminology, 24(3), 333–346. <https://doi.org/10.1007/s10612-016-9324-9>

[